

MEMÓRIA
e
FEMINISMOS

Os lugares e os saberes



Nos caminhos de Viseu

FICHA TÉCNICA

Título: Memória e Feminismos: os lugares e os saberes, nos caminhos de Viseu

Coordenação do projeto: Teresa Sales

Equipa editorial: Carla Kristensen, Cristina Bandeira, Manuela Tavares e Teresa Sales

Transcrições: Ana Rita Trindade, Carla Kristensen, Cristina Duarte, Ekaterina Malginova e Joana Sales

Fotografias: Kamila Urbano

Ilustração de capa: Liliana Rodrigues e Liliana Bernardo.

Conceção gráfica: Manuel Diogo

Impressão gráfica:

Edição: UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta/Projeto Memória e Feminismos:

Os lugares e os saberes.

Rua da Cozinha Económica, Bloco D, Espaços 30M e 30N

1300-149 LISBOA

Tel: 218 887 005 | Fax: 218 884 086

E-mail: umar.sede@sapo.pt

Depósito Legal:

Tiragem: 300 exemplares

Agradecemos a todas as mulheres que deram o seu rosto e parte da sua história de vida a este projeto, *Memória e Feminismos: Os lugares e os Saberes.*

Este livro foi subsidiado pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG).

A impressão gráfica foi subsidiada pela Junta de Freguesia de Viseu.

Alguns textos não respeitam o novo acordo ortográfico.

ÍNDICE

Prefácio

4

Introdução

8

Adriana Gomes

10

Altina Tavares de Sousa

24

Ana Rita Trindade

42

Fátima Ferreira

54

Lúcia Maria Ferreira

68

Maria do Patrocínio

76

Maria Santos

96

PREFÁCIO

Este é um livro aberto a outras histórias e vivências de mulheres.

Mulheres que lutaram, tantas vezes sozinhas e de forma invisível por uma vida liberta de amarras.

Um, ainda jovens, vieram de aldeias escondidas em serranias de grande beleza, apesar de serem territórios sem esperança de futuro. Continuam a elas ligadas, porque o seu processo emancipatório também se faz com as memórias por lá vividas. E porque, apesar de contestarem os diferentes papéis atribuídos a mulheres e homens e a crítica social a quem é diferente, elas gostam das suas aldeias. As marcas dessas vivências continuam nelas gravadas, umas positivas, outras negativas, pois os saberes estão também ligados aos lugares onde se nasce.

Outras, ficaram nas aldeias, com vidas muito difíceis. E ao longo dos anos vividos nesses lugares a trabalhar na terra e a cuidar do gado, sem grandes aprendizagens formais, souberam ganhar consciência dos seus direitos como mulheres e seres humanos.

Outras, ainda, nasceram no meio urbano do interior do país, Viseu, meio este, onde as vozes silenciadas se fazem sentir e as ideias conservadoras também proliferam.

De algumas das histórias recolhidas é possível falarmos de dois tempos históricos num mesmo período cronológico e num mesmo país.

No Portugal de Abril ainda existiam jovens a fugir pelas serras da violência de familiares e a servirem em casas alheias para poderem estudar. Ainda existiam mulheres a morrer de parto por falta de assistência médica. As transformações sociais tardaram a chegar às aldeias,

muitas delas sem caminhos para carro ou ambulância e onde os médicos só podiam ir de cavalo ou a pé.

Nos meios urbanos, apesar das marcas de um regime que atrasou o país durante quase meio século, as mudanças foram mais rápidas. E os quotidianos das mulheres foram os que mais mudaram: emprego, acesso à educação, autonomia.

Nas aldeias, as mulheres que cuidavam do gado em tempo de invernia, que tratavam das crias para que estas não morressem, não negociavam o gado nas feiras, mas sim os maridos. Elas não tinham um tostão, assim afirma Altina Sousa da aldeia de Gestosinho, nem sequer para comprar um bolinho de trigo para entreter o estomago na caminhada a pé para a aldeia depois da missa.

Vidas amarguradas, amarradas a preconceitos, com violências de que não se podia falar, nem mesmo nos tempos atuais, onde as mentalidades ainda não aceitam que se saiba o que se passa lá por casa.

A ida para Lisboa acontecia, aos catorze anos para ir servir. Algumas ficavam, outras regressavam na idade de casar, destino a que ainda hoje não conseguem fugir algumas das jovens, que nas aldeias tardam em fazê-lo. Se for com um rapaz que tenha emigrado e tenha alguns bens, tanto melhor!

Algumas até podiam ter outros voos, se pudessem ia estudar para uma universidade. Mas os meios são parcos e as despesas muitas, para alugar um quarto e ficar a viver em Viseu.

O local onde se nasce e vive continua a determinar os processos emancipatórios das mulheres. Mas também a capacidade de lutar contra a adversidade de vidas marcadas pela violência desde a infância.

A “educação” era feita com agressividade. O trabalho, desde muito pequena, surgia por necessidades de sobrevivência das famílias, mas também porque as crianças eram vistas como adultos pequenos sem lugar para a brincadeira, para a liberdade, a não ser correr pelos campos atrás do gado.

Para algumas destas mulheres o destino foi contrariado. Por acção delas.

Para outras nem tanto. Mas hoje, quando contam as suas histórias e olham para trás têm consciência que muitos dos seus direitos como mulheres foram e continuam a não ser tidos em conta. A consciência que ganharam por si próprias da ausência de direitos pode ser equiparada à consciência feminista mais esclarecida dos meios urbanos.

Apesar da evolução de mentalidades conseguida com meios de comunicação a entrarem nas casas, com a internet para as camadas mais jovens, os acontecimentos relatados por estas mulheres mostram que as oportunidades não são iguais para todas as jovens e que nem todas elas conseguem contrariar o que lhes foi destinado pelos lugares de pertença.

“Eu olhava para aqueles montes e dizia que o mundo era muito grande e eu não estava a ver”. Esta é uma frase de uma das histórias mais marcantes deste livro – a da Maria do Patrocínio. É esta visão de querer saber mais, de querer contrariar os destinos, que fazem deste livro um valioso incentivo para que mais mulheres saiam da invisibilidade, relatando as suas histórias de vida.

Sabemos que todo o acto de memória é uma construção subjectiva do passado. Mas cada mulher acaba por reflectir no seu processo de construção de memória os quotidianos, os papéis sociais a que estavam

destinadas e outros factos novos que a história não pode ignorar.

A memória delas faz parte da História dos Feminismos em Portugal. Não é possível construir essa história sem a memória de mulheres de diversos sectores sociais, etnias, orientações sexuais, regiões de origem. Sem a memória destas mulheres do interior do país, de aldeias ou de meios urbanos, que acabam por mostrar que este país tão pequeno é muito diverso, não é possível falar-se em história das mulheres.

Obrigada a todas elas pela coragem de saírem da invisibilidade. Obrigada à Teresa Sales, coordenadora do Projeto Memória e Feminismos e a todas as outras umaristas que tornaram possível este livro, entre as quais a Cristina Bandeira do núcleo da UMAR de Viseu.

Manuela Tavares

Investigadora no CIEG - Centro Interdisciplinar de Estudos
de Género do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
Membro da direção da UMAR.

INTRODUÇÃO

O projeto Memória e Feminismos, é um projeto da UMAR União de Mulheres Alternativa e Resposta), que conta com a pequena subvenção da CIG (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género) e que se encontra já na sua quarta edição.

Dar visibilidade às mulheres, aos seus percursos de vida, anseios e suas lutas é um dos seus objetivos. Por outro lado numa perspetiva intergeracional, através de vários testemunhos pretendemos dar a conhecer às gerações mais jovens, as vidas de mulheres sofridas e silenciadas. Ouvimos mulheres da Madeira, Minho, Setúbal, Coimbra, Açores e Sudoeste Alentejano.

Da recolha de histórias de vida das mulheres da região de Viseu, o livro Memória e Feminismos: os lugares e os saberes, nos Caminhos de Viseu, constitui uma das peças importantes deste projeto que ao longo deste ano, desenvolvemos nesta região do país.

As histórias de vida permitem a emergência de saberes alternativos, em especial por parte das mulheres, nas respostas que estas acabam por dar perante situações diversas dos seus quotidianos. Nesta perspetiva, neste livro, entrecruzam-se as vivências de mulheres das aldeias isoladas, com seus saberes ancestrais, e a das mulheres de uma cidade do interior (Viseu).

Neste livro as palavras contam muito, mas o que não foi dito e se encontra nas entrelinhas deve ser valorizado.

Nesta edição e pela primeira vez, ousamos introduzir os percursos de vida de jovens mulheres. Elas, oriundas do campo e já como estudantes na cidade de Viseu, têm uma visão mais reflexiva sobre o isolamento a

que as mulheres das aldeias estão votadas. A partir dessa reflexão lançam pontes para o futuro – no qual querem participar e intervir.

São histórias de mulheres, todas elas lutadoras. Todas elas souberam dar volta à vida, fintando o destino a que estavam destinadas de submissão e desencanto.

Sem o trabalho de voluntariado em torno deste projeto não teria sido possível a sua realização e por isso, não podemos deixar de agradecer publicamente a algumas dessas pessoas: Carla Kristensen, Cristina Bandeira, Ekaterina Malginova, Irene Rodrigues, Kamila Urbano, Joana Sales e Manuela Tavares. A esta última dirijo um grande abraço de sororiedade pelo o empenho e dedicação a este projeto, na senda de um aprofundamento dos feminismos em Portugal.

Agradecemos a ilustração da capa criada expressamente para este livro, de duas artistas residentes na cidade de Viseu: Liliana Rodrigues e Liliana Bernardo.

A excelente colaboração da Junta de Freguesia de Viseu nas pessoas do seu Presidente Diamantino Amaral dos Santos e de João Almeida, foi fundamental para o desenvolvimento deste projeto, bem como a materialização deste livro.

Às mulheres que tornaram possível este trabalho, disponibilizando-se para estarem connosco, aquele abraço de cumplicidade feminista

Teresa Sales

Coordenadora do Projeto
Memória e Feminismos: os lugares e os saberes

*ADRIANA
GOMES*



“

Embora eu não tenha consciência que sou feminista, desde sempre, acho que sim, sempre fui feminista.

Basta olharmos para a minha infância... É uma infância de muita opressão, onde ouvia: ‘não faças porque não deves, porque tu és uma mulher’. Isso marcou-me, simplesmente isso!

“

Chamo-me Adriana Gomes, nasci em Bondança, na freguesia de Manhouce, tenho 21 anos e encontro-me a frequentar o curso de Educação Básica, na Escola Superior de Educação, em Viseu.

Eu era uma criança fora do comum das crianças ditas normais. Era muito agitada, muito revoltada. Era uma criança um bocado agressiva. Hoje em dia tenho saudades da minha infância, precisamente por causa disso. Era uma altura em que me davam um desconto, por ser revoltada. Hoje em dia eu não tenho esse desconto. Hoje em dia sou uma pessoa que a sociedade proíbe de ser revoltada, e nesse tempo tinha esse tal desconto, podia ser aquilo que eu realmente sou.

Na minha infância, as pessoas gostavam pouco de mim. A minha mãe ia a casa de alguém, eu mexia em tudo e nunca estava quieta. As pessoas não gostavam de mim. Digamos que havia uma altura, lembro-me bem, de que aquilo que gostava era de ir para cima dos telhados. Na altura das sementeiras, andava na creche, as pessoas estavam nas terras, viam-me e começavam a gritar para a minha mãe me ir buscar, porque eu podia cair dali abaixo. Eu adorava porque eu estava a provocar a preocupação das pessoas, quando não havia razões para isso, porque estava ali na maior, tinha o controlo da situação.

A aldeia onde eu vivia era um meio muito pacato, não havia muito por onde nos divertirmos. Por eu ser muito irrequieta, e fazer muitas asneiras, houve uma altura em que a minha mãe deixou de me poder levar com ela para as terras. Ela é agricultora e também doméstica.

Há situações que me marcaram muito na minha infância

Há situações que me marcaram muito na minha infância: as mortes das pessoas. Criava-se um grande enredo à volta daquilo. Quando as

pessoas morrem nas aldeias é uma grande tragédia. Quando morre alguém, imagine-se que morre alguém de manhã, as pessoas da aldeia, durante o dia, não trabalham mais, em sinal de respeito com a família da pessoa que faleceu.

Eu não vi, mas contaram-me

Houve um dia em que o veterinário veio vacinar os cães da aldeia, o que acontece de vez em quando. Passou-se na altura da sementeira, enquanto as pessoas andavam a cortar ferrã¹. Estava uma senhora a cortar ferrã com uma máquina daquelas que faz muito barulho. Estava lá com a mãe, que tinha 80 e tal anos. A mãe estava sentada numas escadas. Aquilo é tudo em socalcos, lá na minha aldeia. Vão descendo até ao rio, dum lado e do outro. Do lado contrário das habitações, também é tudo em socalcos até ao rio. Era manhã, a senhora caiu para trás, teve um enfarte, não sei o que é que foi e morreu. Lembro-me que aquilo foi uma história que ficou bastante marcada na minha infância, que foi muito perturbadora. Fizeram daquilo algo muito trágico. Foram buscar a senhora, dentro de uma manta. Eram quatro pessoas e cada uma pegou numa ponta e transportaram a mulher lá dentro. Aquilo marcou-me imenso! Eu não vi, mas contaram-me. Fiquei com esta imagem gravada na cabeça.

Sou uma pessoa conotada como do contra

Vivi com a minha mãe e, numa primeira fase da minha adolescência, com a minha avó. Quando ela morreu eu tinha uns 11 anos e vivi até

¹ Trata-se da cevada ou centeio, cortados enquanto verde que serve para a alimentação do gado. É assim, um pasto verde que se guarda em casa, para o inverno, quando vêm as geadas, o mau tempo, a neve e os animais não podem, por vezes, sair de casa

aos 17 com o meu avô e a minha mãe. O meu pai era uma pessoa muito ausente. Não estava presente. Nasci, ele estava no Algarve a trabalhar e nem sequer me veio ver. Não se ligava muito a mim. Lembro-me de quando era pequena que houve uns momentos de diversão até... lembro-me de ele me pegar ao colo e pôr-me às cavalitas, mas foram coisas muito raras. Foi numa fase em que eu era criança, e lá está, a revolta era tolerada. Agora acho que como cresci, as pessoas têm a ideia que já penso, raciocino, já vejo os prós e os contras das situações, então, já não me toleram certas atitudes.

Por causa disso, é que se calhar tenho uma má relação com o meu pai, e quando era mais pequena não tinha. Hoje em dia, como eu tenho as minhas ideias e os meus valores mais vincados, são interpretados da forma que são. Acho que as pessoas já não me encaram bem, não tenho uma boa relação digamos assim, de aceitação, no meio onde vivi, na aldeia onde vivi. Sou uma pessoa conotada como do contra.

A revolta que eu tenho deve-se muito ao sítio onde eu vivi

A revolta que eu tenho deve-se muito ao sítio onde eu vivi e ao modo como as pessoas vivem, encaram as situações e às suas mentalidades. O que é que uma mulher pode fazer, o que é um homem deve fazer. Acho que é muito por aí que a minha revolta se dá. É engraçado que o meu avô, que foi uma pessoa com quem convivi muito, esteve muito presente no meu crescimento, que me formou e transmitiu valores. Era até uma pessoa com uma mentalidade mais aberta do que a minha mãe. Não sei se foi por ter sido obrigado a ir a salto para França e ter tido uma vida com mais opressão, teve necessidade de se emancipar! Enquanto homem e sustento da família. A minha avó tinha de ficar na terra. É engraçado que a minha avó era mais velha do que o meu

avô, 14 anos e era ela que geria o dinheiro em casa. O meu avô foi para França, mandava o dinheiro e a minha avó é que o geria. O meu avô apenas era o instrumento de trabalho, era a pessoa que trabalhava, mas quem geria o dinheiro em casa e dava as ordens era a minha avó.

A minha avó sempre foi de controlar o meu avô, porque ele era uma pessoa muito calma, não gostava de discussões, nesse sentido, deixava que a minha avó tomasse as rédeas. O meu avô era uma pessoa espectacular, que me dava aquilo que eu precisava, por isso é que eu gostava muito dele. Ele dava-me a liberdade de eu poder ser como eu era, de ter os meus pensamentos. Não me criticava por isso. Podia não concordar com a minha forma de pensar, mas calava-se. Não era uma pessoa que estivesse a tentar mudar aquilo que eu era.

A minha mãe não! Dizia – “tu tens de ser assim, porque assim é que tu deves ser. Porque assim as pessoas não te criticam, não falam mal de ti. E depois tu não te casas. Porque tu tens de casar, ser uma menina como as demais. Tens de ter a tua vida. E tens de casar”. Parece que a prioridade é termos uma boa fama, para conseguirmos arranjar um marido, isto porque se tivermos uma má fama, enquanto jovens, o boato corre, e não conseguimos arranjar marido. É neste sentido.

Digamos, enquanto jovens temos má fama se fumarmos, se bebermos... eu se for a um café, na minha freguesia, beber uma cerveja, quando sair a porta tenho quase 99% de certeza que vou ser criticada: “Olha, bebeu uma cerveja!”

As mulheres podem ir sozinhas aos cafés!

As mulheres podem ir sozinhas aos cafés. Eu sou uma pessoa que tenho uma mentalidade relativamente aberta, mas tenho algum receio

de no sítio onde vivo, ir a um café. Porque entro e as pessoas olham todas para mim.

É logo um impacto, propício a falatório.

As mulheres se beberem, devem fazê-lo em casa. Num sítio público é mais complicado, as pessoas reparam nisso. Uma mulher que está a fumar num sítio público, num meio pequeno e conservador, fica logo com a imagem marcada, quero dizer perde logo credibilidade. É incrível!

Depois, imagine-se, relativamente a roupas... Eu noto, na minha aldeia, (não é na freguesia, porque na freguesia não tenho grande contacto e é um meio um bocadinho maior), a maneira de vestir. Nós damos conta que as pessoas não se libertam para vestir roupas de cores garridas. O que é uma cor garrida? É um vermelho. As mulheres não põem baton nos lábios, não pintam as unhas: “Ah, vou pintar as unhas para quê se eu trabalho na agricultura”. Quero dizer, não têm este brio. Não têm, também, porque não se dá valor a isso nestes meios. Uma mulher que seja uma agricultora e que se ponha toda produzida no sentido de pintar as unhas, pintar os olhos, usar sombras e usar cores mais garridas, é-lhe logo dada uma conotação mais negativa. Porque não há necessidade, porque é uma mulher que está a querer sobressair... E as mulheres que querem sobressair ficam manchadas, as mulheres não devem querer sobressair!

As mulheres devem ser sóbrias, devem passar despercebidas. Serem invisíveis

Devem ser sóbrias, devem passar despercebidas. Serem invisíveis. Por isso é que elas não vestem roupas garridas. Eu já fui às compras com

uma senhora da minha aldeia e notei: “Olha aqui isto tão giro!”. – “Ai não, tem uma cor muito forte”. As mulheres usam mais o preto, o cinzento ou o azul. Nós podemos vestir-nos todas de preto, às vezes também me apetece. Mas pôr um colar, um baton, uma coisa que realce, não? São pessoas que querem ficar um bocado escondidas, que não querem dar nas vistas, não querem manifestar que ali estão, querem passar despercebidas.

Não existem raparigas na minha aldeia

A minha aldeia tem trinta e poucos habitantes e não tem raparigas novas.

Quero dizer na altura em que lá vivi, na minha adolescência, havia mais duas jovens, que também andavam na secundária. Rapazes, assim ditos de 20 anos, não havia nenhum. Mas existiam aqueles que estavam no período escolar, dos seus 10 anos.

Esses ainda estão, andam na escola. Agora raparigas, não existem raparigas na minha aldeia. As duas de que falei já se formaram, uma pelo menos está a trabalhar. São pessoas que já saíram dali, voltam apenas ao fim de semana, tal como eu, mas já se libertaram daquele meio.

Daquelas jovens não há ninguém que trabalhe no campo.

Ficamos ainda a 30 Km da escola

Os transportes para se ir para a escola são muito complicados, porque a aldeia é num sítio a 30 Km da escola. Temos de acordar muito cedo, por volta das seis, sete horas para apanharmos o autocarro. Nas aldeias mais distantes da freguesia, há carrinhas da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul que nos vêm buscar para nos levar à escola que fica em São Pedro.

Há um senhor que é de Manhouce, que é camionista e conduz o autocarro.

Não há muitos transportes para lá. Só há um de manhã e outro à noite.

Se quiseres sair à noite, para ir a algum lado, ou se tem carro próprio ...ou não se vai.

Escolhi o curso de Educação Básica porque queria deixar algum legado enquanto pessoa

Escolhi o curso de Educação Básica porque queria deixar algum legado, enquanto pessoa. O meu legado é chegar a uma determinada etapa da minha vida e dizer: “eu estou a contribuir para que o meu país abra as suas mentalidades”. Isto é, aqueles alunos que vêm lá das aldeias estudar para S.Pedro, para Sta.Cruz precisam que lhes dêem asas, para que abram as suas mentalidades e contribuam para que os seus pais abram também as deles. Eles que vivem lá nessas aldeias e não saem de lá.

E porquê? Porque é assim, uma mulher a partir do momento em que vive numa aldeia e vai a um café e bebe uma cerveja ou um whiskey, tem logo pessoas a reparar nisso. Mas se forem 20 ou 30, já ninguém vai reparar. Porque quando as pessoas funcionam em grupo, em sintonia, já não se dá tanto valor à situação, porque é feita em conjunto, em comunidade. É começando aos poucos que eu queria deixar alguma coisa nas pessoas que vêm, nas crianças que nascem, por isso é que eu queria dar aulas. Eu com o Mestrado dou aulas ao Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Eu queria dar aulas naquela fase em que os alunos começam a ter uma opinião sobre as coisas, que é ali entre o quinto, sexto, sétimo ano.

Começar a criar na mentalidade das crianças os verdadeiros valores, a inculcar a tolerância, porque nós somos um povo muito intolerante!

Se me perguntarem “seres professora é aquilo que mais gostas de fazer?” Não é, mas eu estou a deixar isso um pouco de parte. Acho que a única forma de eu contribuir para um país melhor, em termos de futuro, é fazendo esse tipo de trabalho. Não é dizer ‘tu tens de fazer assim! ‘; é, antes pôr os prós e os contras, ver os aspectos negativos e positivos, e ajudar as pessoas para que a partir daí possam criar as suas próprias ideias e concepção acerca das coisas.

Nós hoje temos jovens muito desinteressados, nomeadamente da política

Há uma questão que eu tenho aprendido no meu curso, relativamente às crianças. Com o evoluir dos tempos, aquilo que as pessoas pensavam ser uma criança, com a investigação sobre o seu desenvolvimento, começou-se a perceber que a criança não é um adulto pequeno, ou uma anã, pequenina! Acho que a maneira como as pessoas vão dando valor a uma criança, ou a um adolescente, transforma-os, naquilo que são hoje. Aquilo que os educadores, os professores e professoras pensam que é uma criança, bem como os métodos usados na sua educação, vai ter impactos naquilo que é hoje a nossa juventude

Nós hoje temos jovens muito desinteressados, nomeadamente da política, Desinteressada da vida em sociedade, da cultura, da cultura em geral. Interessam-se por programas como os reality shows, coisas que não têm conteúdo. Acho que se tem de começar da base, enquanto são crianças, desde bebés. Temos de começar a alertar para os verdadeiros valores e não andar ali a rodopiar, a passar panos por cima, porque realmente temos de ter a real perceção do que é o mundo em

que vivemos. Não adianta eu, como mãe, querer mostrar ao meu filho que o mundo é belo, e que o mundo vai estar sempre a favor dele, que as pessoas que estão no poder, hoje em dia, são as que melhor sabem o que é bom para a sua vida. Eu não posso dar a entender isto a um jovem.

Eu acho que as pessoas têm de fazer aquilo que gostam, acima de tudo

De maneira que hoje em dia, a mensagem que eu deixava para os jovens é que não se deixem levar por aquilo que as pessoas querem que eles sejam, que eles façam. Eu acho que as pessoas têm de fazer aquilo que gostam, acima de tudo. Claro que se todos gostassem de ser médicos, isso não poderia ser. Não poderiam ser todos médicos. Eu acredito que todas as pessoas têm dentro de si têm uma aptidão para algo diferente. Algumas têm aptidão para cantar, outras para fazer contas, outras para fazer outras coisas. Acho que deviam seguir isso, porque acho que futuramente é o que vai fazer com que se sintam realizadas. Uma coisa que falta em Portugal é a realização pessoal. As pessoas esquecem-se muito disso.

Eu comecei a cantar umas coisas num grupo musical, as Vozes de Manhouce, quando tinha 14 anos. Só que, entretanto, houve ali uma fase de transição e surgiu um outro grupo, o Ars Nova, também é de Manhouce, lá da freguesia, e estamos num formato de quatro raparigas e um maestro, o professor Alexandrino. Temos todas as nossas vidas pessoais, mas temos tentado conciliar as coisas. Eu gosto bastante do formato deste grupo, embora eu tente levar o grupo para aquela música mais de intervenção e revolucionária, porque é aquilo que eu sou, e é aquilo que gosto. Por isso é que eu sugiro, às vezes canções mais revolucionárias. Porque gosto mais desse lado da música. Neste grupo, posso efectivamente, cantar aquilo que gosto.

Hoje em dia a música funciona muito na base do lazer, porque aqui em Portugal nós não podemos viver da música. Quero dizer, não podemos viver da verdadeira cultura, porque não se cultiva a boa cultura. Dá-se muita ênfase às desgarradas, às concertinas e ao ‘pimba’, ao dito pimba... esquecem-se daquilo que é cultura erudita. Porque a cultura, a nossa cultura popular tem muito de ranchos. Tudo bem, mas nós tínhamos de saber avaliar e dar valor àquilo que é a cultura, a boa cultura. E o que é a boa cultura? Por exemplo, o que é um rancho? O que é um grupo de cantares? É algo muito limitado. Nós tempos de ter uma abertura para a cultura mais abrangente, mais diversificada, e avaliar as coisas que devem ter mais valor. Por exemplo, eu falo de ópera porque gosto de ópera. Em Portugal ninguém dá valor...isto é, a maioria das pessoas não dá o devido valor à música erudita.

Apesar de existir Educação Musical nas escolas, não funciona como deveria de ser. A Educação Musical devia acompanhar as crianças desde o primeiro ano escolar, aliás desde o pré-escolar. Devia até de estar inserida em todos os cursos, para termos pessoas, seres humanos, que se sensibilizem com a música. É muito importante. Os músicos e as pessoas envolvidas com a música, como nós sabemos, são pessoas muito sensíveis. Acho que também é isso que se pretende numa sociedade, que as pessoas se sensibilizem. Acho que é importante.

Mas acho que sim, sempre fui feminista

Embora eu não tenha consciência que sou feminista, desde sempre, acho que sim, sempre fui feminista. Basta olharmos para a minha infância. É uma infância de muita opressão, onde ouvia: ‘não faças porque não deves, porque tu és uma mulher’. Isso marcou-me, simplesmente isso!

*ALTINA TAVARES
DE SOUSA*



“

As mulheres eram umas
desgraçadas, os homens tinham
o dinheiro todo e elas não tinham
um tostão

“

Tenho 72 anos, nasci em 1944, no dia 20 de Abril, sou natural de Gestosinho – Manhouce e vivi sempre aqui, trabalho na agricultura e não sei ler nem escrever.

Quando tinha 3 anos perdi a minha mãe. Vivi sempre muito mal. Fiquei com o meu pai, com a minha avó e com uma tia, que era tia e madrinha. Não tinha irmãos, tive um mas ele morreu. Quando a minha mãe morreu, ele ainda estava vivo, mas para aí uns 8 meses depois acabou por ir embora. Ele mamava na minha mãe, ela morreu e não havia estes alimentos nem o meu pai os queria comprar.

O meu pai poupou muito, era demais mas era para comprar terras. Nós não tínhamos onde pôr uma horta, onde pôr uma batata, não tínhamos terrinha nenhuma. Andávamos aí no lugar, a pedir a uns e a outros, para nos darem um bocadinho para a gente botar batatas ou umas couves, que não tínhamos. A gente estrumava a terra porque tínhamos gado miúdo e estrumávamos muito bem a terra que não era nossa. Eles no ano seguinte já não nos davam aquela, davam outra para a gente estrumar e para dar pasto bom para as vacas deles. Davam a terra mais fraquinha que eles tinham, tudo terrinha fraca! Depois a minha avó dizia para o meu pai: “olha, tu vê lá a gente tem que poupar, para comprar ao menos um bocadinho para botar as batatas e as couves”. O meu pai, pronto, era sempre a poupar não comprava nada, não gastava dinheiro nenhum. A gente tinha um gadinho, vendia-se ali no mês de Agosto e ele aferrolhava o dinheiro todo, não comprava nada. A gente passava com o que tinha em casa, com as batatinhas, os feijõezinhos, matava-se um porquito fraco, um bacorito. Quando ele era melhorzinho, a gente já passava o anito melhor. Mas havia anos que tínhamos que talhar aquela carninha para o ano inteiro.

Vinha aí o sardinheiro vender sardinha e quando o meu pai estava de feição ainda comprava um quarteirão, 25 sardinhas. Quando ele não estava, a gente não podia gastar o dinheiro e não se comprava. Os do lugar fritavam aquela sardinha, aquilo era um cheiro e eu chegava a casa ougada e dizia: “ Avó em casa de fulano era um cheiro a sardinha e a gente não tem, eu queria aquela sardinha”. Ela dizia: “Então o que é que tu queres o teu pai não a comprou e o sardinheiro agora já se foi embora”. Os homens vinham vender sardinha de Cepelos para aqui com uns tabuleiros à cabeça e vinham cá umas duas vezes por semana. Também passavam muitos trabalhos!

Eu havia de ter para aí uns 10 aninhos, quando me comecei a conhecer. Eu era fraquinha porque não comia os alimentos que devia. Depois lá andei, tombo daqui, tombo dacolá. Depois criei-me uma rapariga, ia dar dias para uns e para outros. Com 7 anos, ia guardar o gado descalça, para o monte por aí fora, por essas serras fora. O gado era aos dias. Naqueles dias que calhava à gente, tínhamos que o ir guardar. Eu comecei de pequenina com ele e não tinha calçado nenhum nos pés. Eu dizia para o meu pai: “Então eu vou para o gado descalça?”. Ele dizia: “Eu vou-te pregar uns tamancos”, mas ele pregava aquilo muito mal e eu não caminhava com eles, andava descalça. Botava-os à mão e andava descalça. As vezes eu tinha frio nos pés e mijava para dentro dos tamancos, para aquecer os pezinhos.

Eu era divertida, gostava muito de cantar

Eu era divertida, gostava muito de cantar, de andar com as minhas colegas, mas quando me lembra o que eu passei, eu ...

Era uma rapariga grande, havia muitas raparigas neste lugar da minha idade. Vinham as festas do ano, era a festa da Senhora da Laje, vinha

a Páscoa, o Natal e elas todas compravam uma vestimenta para estrear. Eu começava a gritar para o meu pai: “Então agora sou uma rapariga e as outras vão às festas e eu como é que vou?” E ele dizia: “Não vais, não tens roupa não podes ir, eu não tenho dinheiro para ta comprar”. E tinha o dinheiro! Eu ficava a chorar, as outras iam para as festas e eu não podia ir. Depois a minha avó tinha pena de mim e dizia: “ Eu vou ter com a Rufina, (que era uma mulherzinha que andava a vender numa tenda naquele tempo, trazia aquelas peças de roupa e a gente comprava ou saia ou blusa) e eu vou ter como ela e com os ovos das galinhas hei-de ver se pago aquilo”. Tinha vezes que a minha avó com os ovitos das galinhas, ia ter com ela e dizia: “ Bota-me cá a blusa para a minha neta”. Mas depois havia alturas em que as galinhas deixavam de pôr. Ela não tinha dinheiro nenhum para comprar, as galinhas largavam as penas, quando era ali no princípio do verão, ficavam todas depenadas e até se tornarem a vestir não punham ovos. E ela dizia-me: “Agora o que é que tu queres as galinhas não têm as penas, não dão os ovos para te comprar nada, que é que eu te hei-de fazer”. Depois pronto as outras lá iam para as festas e eu não ia, pois não tinha roupa.

Passei uma vida muito sacrificada. Eu trabalhava muito. Podiam existir filhas boas, mas mais do que a dele não havia. Eu era uma jóia de pessoa, não é dizer “ela está-se a gabar” mas era a verdade. Nasciam os cabritinhos, e eu de noite ia cuidar deles. As cabras pariam os cabritinhos e eles começavam a berrar e o meu pai dizia: “Oh Altina, olha já lá está o cabritinho”. Eu saía da cama e lá ia eu ver o cabritinho e botá-lo a mamar. Quando nascia era pequenino e se não o botasse a mamar ele morria. Nascia um cordeirinho, lá ia eu! Eu é que era para tudo. Às vezes até me dava vontade e dizia assim: “Eu agora vou deixar de trabalhar, também não lhe vou fazer a vontade a ele, porque ele também não a faz a mim e agora quando nascerem os cabritos não vou”, mas eu tinha

pena dos cabritinhos. Eu não podia ver os cabritinhos a berrar de noite e a morrer com fome. Ele não ia, mas ele podia ir porque naquela altura era um homem novo e ele é que recebia o dinheiro, da venda, não era eu. Mas dizia para comigo se aquele cabritinho morre é um pecado e lá ia eu com um lampiãozinho de gás, levantava-me com os tamanquitos nos pés. E pensava, as outras não são nada à minha beira, não fazem aos pais o que eu faço e ele não me compra nada. No princípio ele não tinha o dinheiro para comprar, mas depois já tinha. Ele comprou esta terra toda, mas podia comprar na mesma e ainda me podia comprar alguma coisa para eu ficar satisfeita e andar como as outras.

O meu pai queria estar sempre a mandar em mim, a dominar e não queria que eu me casasse

Não era que ele fosse mau para mim, dizer que ele era mau para mim é pecado. Mas para comprar alguma coisa... dizia que as mulheres não se queriam embonecadas demais. Tinha aquela ideia assim com ele e, não queria que eu me casasse. O meu pai queria estar sempre a mandar em mim e a dominar. A cisma dele era essa. “Eu agora vou-lhe comprar roupa, depois ela ainda parece melhor e mais depressa se casa”. A ideia dele era esta.

Um dia eu disse-lhe: “Eu agora vou para a floresta trabalhar, porque não estou para andar aí a não ter roupa nenhuma para vestir, nem calçado, nem nada”. Naquele tempo, ganhavam lá muito dinheiro. Tinha 19 anos quando comecei a ganhar dinheiro no trabalho na floresta. Eles de quinze em quinze dias faziam o pagamento. Era um engenheiro da vila de Arouca que vinha cá fazer o pagamento. Quando havia o gado para guardar e eu tinha que ir, se calhava a ser dia de pagamento, o meu pai recebia o meu dinheiro e já não me dava. Ele ia todos os dias para

a floresta, porque era livre e eu não era! Pagamento que ele recebia o dinheiro, eu fazia-lhe uma cruz! Na floresta a gente andava a semear pinhal com uma enxada a cavar no chão, aquilo era semeado como o milho. Mas a gente esbarrava naquela terra dura. De inverno, quando vinha muito frio, a gente ia malhar com a enxada, era como malhar num solho. As mãos arrebetavam todas, ficava tudo em carne viva. A gente queria meter a mão no cabo da enxada não podia de maneira nenhuma por causa daquela rijura do chão, que a gente cavava com a enxada e o chão estava congelado do frio. Era como quem estava a bater num ferro e depois aquilo para arrebetar as mãos era uma desgraça. Mas pronto lá andei, as mãos depois ficaram calejadas e eu lá andei.

Tinha 19 anos quando comprei os primeiros sapatos, até foram umas primas minhas que mos compraram, pois elas iam à feira a Vale de Cambra e o meu pai disse: “Então tu agora tens o dinheiro vai estragá-lo, mas ao menos compra os sapatos e elas que te tragam pelos pés delas, que o teu pé ainda vai medrar e depois não te servem”. Elas tinham um pé grande, o meu era pequenino. Acabei por não romper os sapatos, não valeu nadinha. Eu calçava-os, caminhava para diante e eles ficavam para trás, não valeu nada, nadinha.

Depois pensei: “deixa que agora, vêm as bolotas, e em Vilar compram bolotas para os porcos”. Ia com um saco de bolotas à cabeça, eram dois alqueires e era muito longe. Foi a minha sorte. Então depois já fui lá à feira e comprei as sandálias e um paninho para mandar fazer numa costureira uma casaquinha. Depois com aquela casaquinha, já andava quentinha e era uma beleza.

O meu pai não queria que eu fosse aos bailes, mas eu ia às escondidas

O meu pai não queria que eu fosse aos bailes, mas eu ia às escondidas. Quando ele sabia que eu ia ao baile andava uma semana que não falava para a gente, lá em casa. Era verdade, nem falava para a minha avó, nem para mim uma semana. E eu dizia: “Então o que é que ele quer, ele também não se divertia no tempo dele e ainda agora corre as festas todas”. Mas pronto, ele foi uma pessoa que não estragou, não posso querer-lhe mal que ele não estragou nada. Mas podia-me deixar viver uma vidinha melhor. Quando a minha filha cresceu, ele queria mandar nela. Também não queria que ela fosse para os bailes. Um dia eu vinha do gado e ela tinha aí um bailito apalavrado com as colegas. Ele foi para lá implicar com os rapazes e com ela. E eu disse para ele: “Você em mim mandava mas na minha filha agora não manda, a minha filha tem que se divertir como as outras. O pai dela não a estorva e eu também não. Você é avô não pode mandar nela”. E ela foi sempre aos bailes como quis.

Depois eu arranjei aquele meu homem e o meu pai também não o queria. Ele era de Albergaria da Serra. Para o meu pai, foi como quem lhe arrancou a alma do corpo. O meu marido andava na Alemanha e escrevia-me umas cartitas. Quando comecei a namorar com ele devia de ter para aí uns 22 anos e casei-me com 26, mas a gente ainda escreveu muito tempo um ao outro. Eu não sabia escrever mas tinha uma rapariga no lugar que era como minha irmã e eu confiava tudo nela para me escrever as cartas. Às vezes, nós fechávamo-nos a fazer as cartas para o meu marido dentro de casa. Se o meu pai sabia que nós lá estávamos ele botava a porta abaixo, Deus me livre. Não queria! Depois um dia tanto bateu na porta que eu disse: “a porta vai cair”. Vim abrir a porta e

disse: “olhe a carta está aqui, ponho-a já no lume”. Mas eu não tinha só aquela aqui, tinha mais, tinha a direção dele fazia-lhe mais. Depois tanto foi, tanto foi, que ele veio da Alemanha e veio ter com o meu pai. Foi no dia de Natal, eu tinha ido para a missa para Manhouce e não sabia que ele vinha. Ele escrevia-me e dizia: “Eu brevemente vou aí”, mas eu não sabia que era naquele dia. Ele disse para o meu pai: “olhe eu gosto da sua filha”. O meu pai logo para ele: “vai-te embora para Albergaria que tu tens lá muitas mulheres, tu não contes com a minha filha. A minha filha não se vai casar contigo e tu vai-te embora”. Foi a minha avó que me disse que o meu pai o tinha mandado embora. E eu pensei que ele nunca mais me escrevia. Mas ele foi outra vez para a Alemanha e continuou a escrever-me. Eu já tinha de me casar com ele. Apareceram-me muitos rapazes, que eu não era das melhores mas também não era das piores, mas eu botava tudo a andar não queria saber. Depois com aquele, foi assim! Quando comecei ao princípio, eu escrevia-lhe mas era tudo na galhofa. Eu dizia que não me casava com ele. Eu queria era passar o tempo e dar risadas e não queria saber...

Tinha 25 anos e prometi para o meu padrinho, que teve um acidente muito mau na floresta, que ia a caminhar a Fátima se ele ficasse a ver, pois ele esteve meio ceguinho. Passado meio ano ficou a ver. Um olho perdeu, mas do outro olho ele via. E eu lá fui a caminhar para Fátima. Ele escrevia-me sempre, era uma carta no caminho e outra já ia em viagem. Eu disse-lhe para ele não escrever naquela semana pois eu ia para Fátima e não estava em casa para receber a carta. Escreveu-me logo num instantinho com um conto e quinhentos dentro da carta. Que eu não podia ir a caminhar para Fátima e passar fome. Ele gostava muito de mim. De então para cá parece que o meu coração deu um truc. Eu disse para ele: “Olha, tu manda uma carta ao meu pai e faz-lhe ver as coisas como é, que eu gosto de ti”. Ele escreveu uma carta muito bonita

ao meu pai e depois ele já ficou melhor. Viu que já não havia mais nada a fazer. Depois fez-nos o casamento, matou duas cabras, foi um casamento bom aí no lugar, até foi dos melhores naquele tempo. Chamou a família toda amiga do nosso lado. Não tenho fotografias do casamento. Casei-me no ano de 1970 e a minha filha nasceu em 1971. Depois que ele se casou comigo ainda foi à Alemanha, uma vez ou duas, mas parou lá pouco tempo. Eram 3 meses e vinha logo embora. Na Alemanha ele trabalhava nos fornos e dizia que era um calor... que se metia por aquele corpo dentro. Mas ganhava bem, estas casinhas aqui eu fi-las todas com ele que a gente não tinha uma casa para se meter. Nadinha! A casita não prestava para nada. Agora é um palheiro, nós botamos lá o pasto. O primeiro dinheiro que ele teve foi para fazer a parede aqui desta casa. Ele disse: “agora vamos fazer a casinha que a gente depois já se mete dentro dela e assim a gente pode dizer que vai para nossa casa”. Depois da parede da casa, foi a cobertura, os caibros e fizemos tudo. As divisões de dentro ele fê-las por mão dele, dividia-as com tijolos, pôs as portas dos quartos, tudo com a mão dele.

O meu pai não queria que nós fizéssemos a casa, porque queria que a gente estivesse lá ao pé dele sempre a trabalhar para ele. Ele também só me tinha a mim. O meu pai, já o disse, ele não foi comilão. O meu pai fez muito pela vida e até era poupado demais, passou também muita fome, dava a fome a ele e a quem estava com ele, por causa de ganhar o dinheiro para comprar as terras que agora não têm valor nenhum. Se eu tivesse necessidade e precisasse de as vender...agora ninguém nas quer!

A minha filha nasceu dali a um ano. Depois ele ficou muito doente. Teve uma doença que não há cura, o cancro. Foi morrer a Coimbra. Por isso eu só tive esta filha. Deu-lhe também uma doença na espinha e eu passei muitos trabalhinhos. Ele morreu com 59 anos, era novo. Ele tinha mais 7 anos que eu.

Em termos da minha vida com o meu marido nem sempre nos compreendemos

Em termos da minha vida com o meu marido nem sempre nos compreendemos bem. Ele também não gostava do meu pai e depois fez-me a vida negra, a fim disso. O meu marido também tinha assim uma pancadita na cabeça. O meu pai tinha um curral de gado e eu tinha outro, porque também precisavamos de granjear alguma coisa para poder viver. Na altura, disse-lhe: “Eu fico com o gado dos Lombinhos e você fica com o da Carvalha” que era na casa onde eu fui criada. Uma vez, o meu pai veio pela porta dentro, ia para a missa para Manhouce e disse-me “Olha bota o meu gado fora”. Nós tínhamos uns banquitos de madeira que eram uns cepos em madeira e o meu homem queria atirar-lhe com um banco à cabeça. Era muito maluquito.

De outra vez eu fui para uma tirada para Bondança e tinha-me casado com ele há pouco. A minha filha andava na barriga e eu nem sabia que estava grávida e disse-lhe: “Olha eu vou para a tirada, (que era passar esterco das vacas à cabeça com umas canastras), para a casa dos Pinhos da Bondança. É domingo, eles dão-se muito bem com a gente. Eu vou com mais raparigas aqui do lugar”. Ele ficou a cismar e naquele dia voltou para a Alemanha, sem eu saber. Ele devia de me dizer: “tenho este tempo a acabar e tenho que ir embora para a Alemanha”, mas não me disse nada. Eu vim à noite a contar que ele estava em casa e não estava. Depois um tio meu disse: “Olha, eu andava com o gado lá em cima e ele passou lá com a malita na mão, ainda estava longe e eu não cheguei a falar para ele, mas ele ia com uma mala na mão”. Pronto, lá se foi embora. E eu nem sei como a minha filha não saltou fora com aquele desgosto. Passados oito dias, ele voltou. Não foi lá ganhar nada. E eu disse-lhe: “Então tu foste e não me deste a saber, deste-me um desgosto, foi um choque que eu não estava a contar”.

Eu não sabia que estava grávida, não sabia, depois passado mais algum tempo é que eu soube. Porque eu casei-me com ele no dia 12 de Setembro e no dia 26 de Junho alcancei a minha filha, ora foi pouco tempo. Ai eu vi-me mortinha para a ter. Tive cá uma parteira, mas foi arrancada a ferros. Foi um doutor que era de Santa Cruz da Trapa, o doutor Custodio é que ma arrancou de mim para fora como quem arranca uma torga do monte. Uma torga é o mato que está espetado no chão e os homens iam lá com umas alavancas e uns ferros, para a gente botar aquelas torgas ao lume. E a minha filha foi arrancada assim de mim para fora.

*O médico disse: “eu tenho de a tirar a ferros.
Não há mais nada a fazer, senão ela morre”*

Foi cá em casa, tive-a em casa, mas sofri muito para a ter. Veio cá o médico. O meu marido foi muito bom para mim naquela altura. Foi logo buscar a parteira assim que eu me queixei de noite. Tive toda a noite com as dores e ele levantou-se e foi logo buscar a parteira que era de Manhouce. Ela disse “Ao meio-dia a criança nasce”. Passou-se o meio-dia e nada. Passou-se as quatro horas, nada. E eu estava numa aflição de morte, eu não tinha “puxes” era só aquelas dores de arrebentar. Era só aquela dor, dava-me aquela dor, ainda hoje me lembro disso.

O meu marido, quando chegou às 4 horas e viu que não se tinha resolvido nada, botou logo os pés ao caminho a buscar o doutor. Ele ia a caminhar para Manhouce, pois não havia estradas. De Manhouce é que tinha um táxi para são Pedro. Trouxe o doutor para Manhouce e depois veio a pé com ele até aqui. Ele esteve-me a ver e disse: “Eu entendo que a criança nasce, que ela tem cavidade e a criança nasce”. Mas depois chegou-se às 18,30h e eu já estava sem reacção nenhuma, o corpo já nem sentia dores nem sentia nada, eu estava para ir embora. E então o médico disse para a parteira: “Eu tenho que tentar os ferros, não há mais nada a fazer

senão ela morre”. Tinha morrido uma em Vilarinho do Monte, naquela semana, também assim de parto, que não lhe acudiram.

E então ele tirou a minha filha com os ferros. Pegou-lhe aqui atrás na nuca e na testa. Ela ainda tem a marca. Quando ele a tirou, ela parecia morta. Ela não se mexia. Ele pegou-lhe no dedo do pé e pendurou-a com a cabeça para baixo. Depois ela deu em berrar e ele disse: “Já temos gente”. Depois eu ouvi ele dizer para a parteira: “Olha foi sorte”.

A minha filhinha, custou-me muito a criar, tive muitas dificuldades, porque ela era doente. Quando ela ficava mais doentinha, eu dizia: “Ai a minha filha não pode morrer eu vou ao lugar pedir dinheiro”. Tinha um homenzinho que era muito nosso amigo que se chamava Custodio. Eu chegava ao pé dele e pedia e depois pagava. Ele não queria que eu fosse pedir ao meu pai.

O meu marido, também era doente, depois deixou de ir ganhar. O dinheiro que ele tinha, a gente empregou-o na casa. O meu marido andou anos a tentar curar-se, ele correu quantos doutores havia, ele era por Vale de Cambra, pela vila de Arouca, por São Pedro, por Viseu. Onde ele soubesse que estava um doutor, mais ou menos, lá ia ele. Naquele tempo, ainda havia um seguro para as pessoas e ainda o transportavam, pois ele era sócio da Casa do Povo.

Eu vivi sempre uma vida amargurada tanto em solteira como em casada. Onde a minha vida melhorou mais, foi depois que o meu marido morreu

Eu trabalhei sempre no duro até hoje. Hoje não tenho a vida como quando era nova, mas mesmo assim tenho que trabalhar alguma coisinha para criar as três vacas que a gente tem. E, poder auxiliar a minha filha.

Quando a minha filha era pequena também trabalhei sempre, a minha avó é que a criou. Ela ficava com ela e eu andava por fora sempre a trabalhar. Dava-lhe de mamar, dei-lhe de mamar um ano. A minha avó ficava com ela para eu ir trabalhar. Agora de noite era eu que estava com ela.

Era a mãe do meu pai e também tive a minha avó de Conlela, que era a mãe da minha mãe. Também caminhei, muitas vezes descalça, daqui para Conlela, mais o meu pai, três horas a caminhar. Ele levava umas botas que mandou fazer no sapateiro em Gatão. Eu ia descalça. Chegava lá e ela dizia-lhe: “Então você traz a minha netinha descalça daquela lonjura para aqui?”. Ela tratava-o por você. Eu na estranhava pois eu aqui também andava descalça! Naquele tempo não era só eu que andava descalça, havia muitas dificuldades no mundo. Havia pessoas que viviam melhor, os pais tinham dinheiro e compravam já calçadinho à feição delas. Agora eu!

Tínhamos lá umas terrinhas que ela ganhou a servir e também era muito minha amiga. Eu tinha 18 anos quando morreu. Veio morrer a Gestosinho. A minha mãe que era de Conlela, veio para aqui servir e depois o meu pai lá a namorou! Ela foi uma desgraçada, também sofreu muito. As mulheres eram umas desgraçadas, os homens tinham o dinheiro todo e elas não tinham um tostão. A minha mãe morreu aqui em Gestosinho, está no cemitério velho em Manhouce, ao pé da igreja.

Até o meu homem adoecer, porque ele depois já não podia tomar conta de nada, ele é que governava o dinheiro. Fazia o negócio das vacas. Eu não podia ter um tostão. Trabalhava como uma degradada e ele tinha as regalias todas e eu não tinha nenhuma. Às vezes eu dizia: “Olha podias-me dar algum dinheiro para ir à missa a Manhouce, elas têm dinheiro para comprar um bolinho de trigo para comer pelo caminho e eu não”.

Era uma hora para lá e outra para cá e para cima ainda é tudo a subir. E ele dizia assim: “Não vás, para que é que tu vais lá, não vás. Então vou-te dar o dinheiro? Não o tenho cá agora à feição para te dar trocado”. Ele tinha-o, mas não dava nada. Mas elas até me davam uma folhita de trigo.

Ele é que tinha o dinheiro todo e desgraçava a vida porque nem sabia vender, nem comprar. Se eu tivesse aí uma vitelinha boa no curral, eu dizia: “Olha que a vitela há-de dar tanto, olha que é uma vitela boa”. Se viesse aí um comprador ele vendia por metade do valor. Porque eles davam sempre para trás e ele não sabia o que estava a fazer, pedia pouco e eles ainda lhe pediam para tirar dinheiro e ele ainda tirava. Não pedia a minha opinião e dizia para mim: “Eu já vendi a vitela”. E eu perguntava: “Então por quanto a vendeste?” Ele não dizia, eu não sabia de nada. “Já está vendida e já a levaram, já está”.

Uma vez tinha aí uma vaca, que ele foi comprá-la ao pé da Senhora da Laje ao Merujal. Ele disse que ela já tinha 4 meses de prenha quando a comprou. Eles enganaram-no. Eu perguntei: “Quando é que tu deste?” “Já está paga!”, era sempre a conversa dele. Eu tratei da vaca porque ela vinha magrita. Eu botei-lhe muito de comer e a vaca ficou gorda. Chegou-se a altura da vaca acabar o tempo, eu andava com a vaca logo aqui a sair do lugar e passou um negociante daqui. Parou ao pé de mim e perguntou se eu tinha alguma vitela para vender. Eu respondi: “tenho aqui esta vaca, ela já está a acabar o tempo para ter uma vitela”. Afinal, a vaca estava tão prenha como eu naquela altura. Passou-se 8 dias, passou-se 15, sempre na mesma e tinha aquele ubre, mas era gordura. Digo eu para o meu marido: “A vaca não está nada prenha. Então a vaca está sempre com este ubre, isto é gordura, não está nada prenha”. Que é que ele fez, um dia eu fui para o gado e quando vim à noite, a

vaca já não estava no curral. Tinha vendido a vaca. “Por quanto é que tu a vendeste, olha que a vaca tinha muito valor, ela estava que nem um cepo”. Ele respondeu-me. “Tenho aí dinheiro para comprar uma vaca melhor. Deixa-a ir, então ela enganou a gente, estivemos aí esse tempo todo à espera da vitela, não podia cá estar mais tempo. Vendi-a ao Manuel dos Currais a vaca deu muito dinheiro, deu muito dinheiro”.

Passou-se. Fazia-se ali uma feira em Manhouce, ainda hoje se lá faz, a gente diz que é a Feira da Barreira e depois as mentiras têm uma mão de encobrir e outra de descobrir. E eu fui lá, mais o meu pai. Aqueles negociantes ajuntaram-se lá todos, o que lhe tinha comprado a vaca e os outros, e depois um disse: “É Manel dos Currais, tu é que tiveste sorte em Gestosinho, compraste lá uma vaca que era um cepo de carne e nem metade do valor, tu deste pela vaca. Aquilo é que tu tens uma sorte!”. E eu caladinha a ouvir a conversa. E ele dizia: “Pois negócios como aquele nunca mais eu apanho”. Quando a conversa acabou eu falei e disse: “Então mas olhe que não é assim que se enganam as pessoas, essa vaca era minha e quem a tratou fui eu; eu é que passei os trabalhos para ela ganhar a carne e o meu homem foi-lha dar de graça. Olhe que é pecado”. E depois ele disse: “Olhe, não vá para casa guerrear com o seu homem. Ele vendeu-ma e ele é seu marido manda tanto como você. Está vendida, está vendida. Se fosse você que eu a comprasse...” “Se fosse a mim você não a levava por esse dinheiro, mas o meu homem não sabe o que faz, ele nem uma galinha sabe vender!”. Cheguei a casa e disse-lhe: “Então olha lá, tu encobriste o valor da vaca mas eu hoje descobri. Não te deram metade do valor que ela valia. E a mim enganaste-me, que ela tinha dado dinheiro para comprar outra vaca boa. Tu não sabes vender, olha que vale mais tu entregares para eu vender”. E ele disse: “Quando eu estiver em casa, que haja aí uma vaca para vender quem a vende sou eu. E se eu for para um lado qualquer que tu tenhas aí uma vitela

e que tu vendas, eu também não vou desfazer em ti”. Um dia havia um comprador em Arouca e a gente tinha aí uma vitelinha e diz ele: “Olha, hoje vem cá o Capela de Arouca e eu não estou cá, mas olha que tu pede-lhe só 40 contos pelo vitelo. Tu não peças mais, se tu pedes mais o homem vai-se embora e não to compra”. E eu disse para comigo “Espera então que tu hoje é que vais levar a pancada”. O negociante veio e eu pedi-lhe 60 contos pela vitela e ele disse que era muito dinheiro. Mas depois botou a mão à carteira e deu-me os 60 contos. À noite o meu marido veio e eu disse: “Repara aqui as notas que ele deu, olha que eu não as tinha. Se eu me fiava em ti e pedia só os quarenta contos? Tu não sabes vender. Eles a ti enganam-te e a gente não pode querer o que é dos outros mas também andar aí a trabalhar para depois eles virem levar o soro da gente de graça, isso também não!”

Depois de ele morrer é que a minha vida andou para cima. Antes, a gente não ganhava porque era ele que andava nos negócios das vacas. Fiquei com 18 contos de reforma, naquele tempo davam-me 18 contos por eu ser viúva. E eu com aquele dinheirinho todos os meses já me orientava. Eu tinha 52 anos quando ele morreu e ele tinha 59, faz agora para o dia 23 de Fevereiro 19 anos que ele morreu.

Eu era muito alegre, mas depois o meu marido morreu e eu durante muito tempo não fui a festas, não ia a lado nenhum. Mas a partir de certa altura comecei a ir às festas. Aqui há tempos na desfolhada da Bondança tinha os pés frios e já há mais de 20 anos que não dançava e eu disse: “Agora vou dançar para aquecer os pés.

Agora cantar, sempre cantei, sempre gostei de cantar e eu dizia: “Cantar, vou cantar, que o cantar é dos anjinhos e eu sou católica”.

*ANA RITA
TRINDADE*



“

Acho que as raparigas não devem ter medo. Não devemos ter medo daquilo que as pessoas dizem. De dizer não! Porque muitas vezes nas aldeias existe muito medo, eu sinto isso.

“

Chamo-me Ana Rita de Sousa Trindade, tenho 19 anos, sou natural de Loures, resido em Gestosinho, freguesia de Manhouce e sou estudante.

A minha mãe nasceu em Manhouce e quando casou, os meus pais para terem uma vida melhor decidiram ir para Lisboa. Quando eu nasci em 1997, a minha mãe e o meu pai viviam em Lisboa (Loures). Estive lá pouco tempo, mas o meu irmão que é mais velho esteve lá mais tempo. Porém eu nasci lá, sou natural de Loures.

Era ainda bebé, quando vim com os meus pais e irmão, para a aldeia da minha mãe, Gestosinho.

Fui criada em Gestosinho, uma aldeia com poucos moradores com mais ou menos umas dez casas, cada casa tem mais ou menos 2 pessoas. São 10 casas com 18 moradores, à volta disso.

Quem suportou mais os maus-tratos fui eu e o meu irmão

Quando eu era mais pequena brincava muito com o meu irmão. Tínhamos quatro anos de diferença. A minha mãe sempre foi uma mãe muito presente e muito prestável para connosco. O meu pai já não. O meu pai batia-nos e portanto não era uma situação fácil. A minha mãe opunha-se muitas vezes e dizia-lhe: “tu não faças isso, as crianças têm tempo de aprender”, mas não valia a pena.

Lembro-me quando era pequena, estava todo o ano sozinha, e em Agosto chegavam as minhas primas que estavam em França, para passar férias em Gestosinho. Eu ia brincar com elas e é claro que não queria vir-me embora cedo. Às vezes, às 9 horas da noite eu ouvia o meu pai aproximar-se e assim que eu o ouvia chegar já sabia que ele me ia bater. Cheguei a ir muitas vezes desse sítio até casa a levar pontapés. Era complicado.

Tenho uma irmã mais pequenina. Ela era muito pequenina quando o meu pai saiu de casa e quando foi o divórcio ela tinha dois anos.

Quem suportou mais os maus-tratos fui eu e o meu irmão.

Quando o meu pai saiu de casa eu tinha nove ou dez anos e a minha irmã dois anos. Nessa altura, as coisas em casa nunca estiveram uma maravilha, mas lembro-me que a minha mãe ainda viveu alguns momentos mais ou menos bons, com ele. Só que nessa altura, fui eu que descobri ...que ele tinha outra mulher. Ele estava no computador, e eu passava por trás e via a figura de uma mulher. E um dia disse à minha mãe: “oh mãe, não sei, mas o pai tem outra mulher, no facebook, no computador”. E ela respondeu assim: “está bem, não te preocupes”. A minha mãe não me quis preocupar, mas falou com ele. O meu pai nunca soube exatamente o que eu sabia, porque como eu passava disfarçadamente atrás dele e ele estava tão focado no computador, nem sequer dava conta que eu estava ali a presenciá-lo. E a minha mãe nunca lhe disse que fui eu que descobri. É claro que a minha mãe já andava desconfiada, já tinha desconfianças que ele tinha outra pessoa, porque havia certas atitudes que revelavam isso.

E chegou um momento, em que se descobriu que sim, era essa a realidade. Ele tinha mesmo outra mulher. Através das redes sociais, arranjou uma mulher brasileira e seguiu a vida dele. Saiu de casa por causa disso.

Foi a minha primeira comunhão e não estava nem o meu pai nem a minha mãe

Nessa altura, quando ele saiu de casa a minha mãe teve uma depressão, bastante forte, tendo mesmo ficado internada durante uns dias no

hospital de Viseu, quando foi a situação do divórcio. Foi a primeira depressão que eu presenciei da minha mãe.

Entretanto, lembro-me que nessa época fiz a minha primeira comunhão e não estava nem o meu pai nem a minha mãe. Fui com a minha avó.

Ele deixou-nos assim, de um momento para o outro.

No início, quando o meu pai saiu de casa, de vez em quando, vinha ver-nos, porque ele não foi diretamente para o Brasil. Daquilo que a gente sabe, primeiro estive em Aveiro a viver sozinho só depois é que foi para o Brasil. E, quando estive em Aveiro ele ainda cá veio, umas poucas vezes, mas também nunca foi muito bem aceite. Nós ficamos magoados e nunca aceitamos assim muito bem.

Era mesmo medo!

Lembro-me que uma vez, o meu pai sentou-se comigo e com o meu irmão, (a minha irmã era muito pequena) e disse: “o pai vai sair de casa, mas não é por isso que vou deixar de gostar de vocês”. Depois foi-se embora, mas não foi de vez. Saiu e quando ele saiu a porta eu e o meu irmão começamos a festejar. Foi um alívio, porque pensamos que aquilo ia acabar: aquele medo. Porque lá está, eu cheguei a uma altura, que já tinha tanto medo, que só de o ver, de lhe ouvir a voz, fazia chichi.

Era mesmo medo que eu tinha.

Tinha muito medo, ele era mesmo muito complicado. Depois ele tinha a Igreja Católica, assim muito assente - era muito católico, era catequista, cantava os salmos na Igreja. Em casa obrigava-nos a rezar o terço, todas as noites.

Eu saía de casa às 6h 40m da manhã, para poder estar às 8h 30m em Santa Cruz, para ir para a escola, para o Básico. Tinha que sair de casa às 6h 40m porque apanhava vários transportes. E, chegava a casa às 7h da noite. E quando chegávamos (eu e o meu irmão) às 7h da noite era a hora de rezar o terço. Nós queríamos jantar, fazer coisas normais, como ver a novela, os bonecos e era sempre “não, não, agora é hora de rezar o terço”.

O meu pai fazia-nos estar ali meia hora a rezar o terço: cansados, com fome e com vontade de ver televisão.

O pai ter saído de casa, para a minha mãe também foi um alívio. Só que lá está, ela gostava dele, não é? Apesar de tudo ela gostava dele e é sempre um choque muito grande. Eu acho que muitas situações de divórcio, traições são sempre um choque muito grande para as mulheres. No caso dela ficou muito magoada e como já tinha também problemas, teve uma recaída, uma depressão e foi parar ao hospital, onde ficou internada. Mas com o tempo foi ultrapassando a situação. Teve que ultrapassar.

O meu pai não nos deu pensão de alimentos. E quando foi viver para o Brasil, nunca mais soubemos nada dele.

Houve uma altura, em que correu o boato que tinha morrido, e a minha mãe disse-me: “oh Ana Rita vai ao facebook e vê. Vê se realmente se ele morreu”. E lembro-me, pelo Natal, foi na altura do Natal, há dois anos atrás, que eu lhe mandei uma mensagem a perguntar se estava tudo bem. E ele respondeu-me. E eu disse: “não morreu nada, então, ele está a responder-me!”. Mas lá está, nessa altura não estava preparada para falar com ele, nem coisa que se parecesse. E, então acabei por deixar de lhe falar. Neste momento acho que é assim, claro que não lhe

perdoar, há coisas que ficam e magoam para sempre. Mas acho que não vale a pena ficar com ressentimento, mágoa, com ódio das pessoas. Não vale a pena. Por isso ele quis seguir a vida dele, que seja feliz e que nos deixe em paz.

Fiquei a viver com a minha mãe, a minha avó e o meu bisavô. E também com minha irmã mais nova e o meu irmão. É praticamente uma casa de mulheres. Mas entretanto, fui crescendo, o meu irmão saiu de casa, a figura do pai, não é? O meu irmão é daquele estilo de pessoas, ele não é muito próximo, ele nunca me abraçou, por exemplo. Ele nunca me deu um carinho, talvez ele não quisesse que eu visse nele um pai, se calhar é por causa disso. Se calhar se ele me acarinhasse assim tanto, eu iria ficar mais próxima dele, não sei. Então, ele não foi assim muito de me acarinhar. No entanto, há atitudes onde se nota que ele se preocupa, que está presente.

Acho que elas são um pouco a minha base, o meu pilar.

No meu percurso de vida, as figuras que acho mais importantes são a minha mãe e a minha avó. Acho que elas são um pouco a minha base, o meu pilar. Também gostava muito do meu bisavô e na altura em que faleceu custou-me muito.

Mas tanto com a minha mãe como com a minha avó tenho assim uma proximidade muito grande. Mas com a minha mãe, nem sei bem explicar, acho que há uma grande cumplicidade, mesmo! Não sei se é de ser mãe e filha, se é de sermos mulheres, não sei! Ela sempre me apoiou muito em tudo. Falamos de tudo. Ela nunca me disse: “olha eu não vou falar contigo sobre isso”. Não! Nós passamos horas a conversar, às vezes à noite. Ainda hoje quando vou a Manhouce, acontece isso, à noite sentamo-nos e falamos de tudo, seja o que for. Não tenho problema em

falar com ela seja do que for. Não sei se é por ela ter estado em Lisboa, se calhar já tem outra mentalidade, se calhar abriu um pouco mais o horizonte. Por exemplo, lá em Manhouce, falar de sexo com os filhos é impensável. Com a minha mãe estou completamente à vontade, foi ela que me explicou tudo, não tem problema nenhum em falar disso. E se calhar foi isso. Tenho uma relação muito forte com a minha mãe. Ela sempre me falou de tudo, nunca me desapontou e nunca me disse: “tu não vais para aí, nem pensar!” Ela sempre me disse: “por acaso eu nem quero muito, mas a decisão final é tua”. Sempre me deixou à vontade para decidir o que acho melhor para mim, para a minha vida.

A minha mãe sempre me apoiou para eu poder estudar.

O que a minha mãe quer é que eu seja feliz e uma mulher realizada.

A minha avó já não é assim, como esteve sempre em Gestosinho, tem uma mentalidade mais fechada. É mais conservadora, mas na nossa na aldeia há pessoas bem mais conservadoras. No entanto, entre mim e a minha avó, existe, também uma grande cumplicidade.

Não tinha quarto só para mim

Lá está, quando eu era pequenita eu não tinha quarto para dormir. A minha família nunca foi milionária, não tinha grandes posses e não tinham quarto só para mim. Eu sempre dormi com a minha avó e a minha avó sempre, sempre me acarinhou muito. Se calhar fez aquilo que queria que fizessem com ela, que é: “ó avó, tenho uma festa em tal dia e não sei o quê...”[Ela respondia-me] – “Então, vamos a S. Pedro, tens de levar uma vestimenta nova”, -“mas não pode ser, também não é assim”. E, a minha avó retorquia: “vamos, lá há de se arranjar!” E lá íamos as duas e comprávamos um vestido, umas calças, assim alguma

coisa. É claro que ela não me mimou demais, mas havia sempre aqueles pormenores que faziam a diferença.

Aqui (aldeia) as pessoas são católicas e aquelas que o não são ficam caladas

Fiz os anos todos da catequese, agora estou um pouco mais afastada, sendo católica, porque sou católica, mas estou mais afastada, porque a vida é assim mesmo, não é? Uma pessoa tem outras oportunidades, outras coisas a fazer e estou mais afastada da Igreja. Também há coisas que não aprecio muito na igreja e por isso estou mais afastada. No entanto, a minha avó e a minha mãe são bastante católicas. Aqui as pessoas são católicas e aquelas que o não são ficam caladas. O padre ainda é aqui neste meio rural, uma figura muito presente, muito importante nestas aldeias. Eu quando estou em casa vou à missa, não vou sempre, mas às vezes vou.

Sempre gostei muito de cantar, aliás o meu sonho é ser cantora

Sempre gostei muito de cantar, gosto de vários estilos de música, aliás o meu sonho é ser cantora.

Houve uma altura em que a minha mãe deu conta que eu gostava muito de cantar e foi ter com a professora Isabel Silvestre, que já andava com a ideia de formar um grupo de jovens cantores. Lembro-me que por volta dos meus 11 anos, se formou o grupo. Inicialmente apareceram 4 pessoas, depois fomos aparecendo e formamos assim as Vozes de Manhouce, mas de gente mais nova. Era assim pessoal da minha idade: eu tinha 11, havia pessoas com 15, 10 e 12 anos - idades variadas. Foram 6 anos em que estive nas Vozes de Manhouce. Com o grupo fomos cantar a França; ao Parlamento Europeu, em Bruxelas; fomos

também a Lisboa à Assembleia da República. Acho que foram estas as atuações mais elaboradas.

Entretanto, houve uma cisão nas Vozes de Manhouce e decidi integrar o ARS Nova, um grupo recente que tem um ano. Somos 4 jovens intérpretes e um maestro – o professor Alexandrino. Com o ARS Nova, o repertório é mais diversificado, vai da música tradicional portuguesa ao canto lírico. Temos tido espetáculos em vários sítios; igrejas, cine teatros, etc.

Com o ARS Nova, neste momento, já tivemos 13 atuações, o que é bom!

Acho muito importante.... nós estudarmos

Acho muito importante nos tempos que correm, com a crise e não só é sempre importante nós estudarmos, e termos uma licenciatura ou um mestrado. Estudar dá-nos competências profissionais e pessoais e isso é bom, é muito bom!

[Depois de tirar um curso superior] sinto-me muito ligada à terra, vou voltar à terra onde nasci, apesar de não me ver a viver lá sempre. Em Gestosinho, não me vejo a viver lá sempre, porque são umas mentalidades muito fechadas e porque é um sítio muito complicado a nível de transportes. Agora, já tirei a carta de condução.

Lembro-me, que por exemplo, na minha casa quando o meu pai se foi embora, ele era a única pessoa que tinha carro, nós ficamos sem carro ou meio de transporte. Então, tudo o que tínhamos que fazer em S. Pedro, em Viseu ou mesmo em Manhouce, era tudo feito a pé ou de táxi. Mas o táxi para ir de Manhouce a Viseu (50 Km) leva 50 €. Para ir a Manhouce à feira ou à missa nós íamos a pé, fazíamos uma hora de caminho e íamos a pé. De Manhouce há autocarros, mas de

Gestosinho não há. Portanto, de Gestosinho a Manhouce é uma hora de caminhada porque não há transportes públicos. Não há nada! Só há transportes públicos em Manhouce e não é sempre. O autocarro sai de manhã de Manhouce para S. Pedro do Sul e só regressa à noite. Se uma pessoa quiser, por exemplo, ir a meio da manhã, ou a meio da tarde, não há transporte. Não existe. De manhã parte às 7horas e regressa à noite.

Apesar do isolamento, quero estar sempre ligada a Gestosinho, também porque tenho lá a minha família. Lá está, acho que não me vejo a viver em Lisboa, ou em meios desses, não sei. Se calhar até me ia adaptar e iria habituar-me. Mas gosto, assim, mais do sossego.

Apercebi-me há muito pouco tempo que sou feminista

Apercebi-me há muito pouco tempo que sou feminista, desde que vim aqui para as Fragas. E com o convívio com a Manuela Tavares comecei a ouvir falar dos feminismos e comecei a interessar-me um pouco mais. Comecei também a participar no núcleo da UMAR de Viseu e foi aí que me aproximei.

Acho que as raparigas não devem ter medo. Não devemos ter medo daquilo que as pessoas dizem. De dizer não! Porque muitas vezes nas aldeias existe muito medo, eu sinto isso. Muito medo. Se sairmos à noite sabemos que vamos ser criticadas, se vamos a um café beber uma imperial, somos criticadas. É o medo da má-língua. E acho que isso devia mudar.

*FÁTIMA
FERREIRA*



“

Cabe às mulheres perceberem a força que têm e de serem as donas do seu próprio destino. O caminho das mulheres para a liberdade é um caminho muito longo...

“

Chamo-me Fátima Ferreira, tenho 63 anos, resido e sou natural de Viseu. Sou professora do 1º Ciclo e de Educação Especial. Estou divorciada há 23 anos.

Eu tive uma educação quase militar ou quase conventual

Fui a primeira rapariga da família. A minha mãe tinha uma forma muito rígida de ver a vida e as relações entre mulheres e homens. Na verdade, tive uma educação quase militar ou quase conventual, em que o sexo era um crime, em que namorar era uma leviandade.

Estudei sempre aqui em Viseu. Tive a oportunidade de tirar a especialização, na altura, porém uma vez mais, a minha mãe não deixou. Achava que me ia perder em Lisboa e neste caso, teria dado um rumo à minha vida completamente diferente. Fui sempre muito contrariada

Era formatada pelos meus pais. As pessoas com quem eu namorei, eu digo que eles é que namoraram comigo, não me diziam nada, ou eu não deixei que dissessem. Como era muito retraída e não tinha o mínimo de confiança em mim, achava que os piropos que ouvia não eram para mim em particular, mas porque queriam tirar outro tipo de partido. Tal estava a minha cabeça, nessa altura!

O aparecimento do homem da minha vida, foi assim, uma paixão completamente...

Entretanto em casa o discurso começou a mudar: “Vais ficar para tia”. “As tuas colegas já todas namoram”. Por isso o aparecimento do homem da minha vida, foi assim, uma paixão completamente...

Conheci o meu futuro marido já era professora, tinha o meu carro, tinha adquirido alguma liberdade.

Aquele tinha a lata toda, o protótipo do rapaz muito bonito, mulherengo, vivido... O que eu gostava de ter sido e não fui. Para mim, e penso que para muitas mulheres que ouvi ao longo da minha vida, era a libertação, era ter a autoestima em alta, era...tudo isso! E foi assim uma paixão, cega, com a sensação nítida de que ia cometer uma asneira. Subir ao altar completamente segura de que era o maior erro da minha vida.

Namorava em casa, e a minha mãe começou a achar que ele era o máximo! Quando eu dizia “Ó mãe, não sei se vou casar, com ele”, ela dizia “Tu nem penses uma coisa dessas! Já andas com ele, já assumiste!” e eu dizia “eu não sei se vou casar”. Ele, até já nessa altura simulou um suicídio.

De vez em quando tinha aqueles laivos de rebeldia que eu tenho hoje como política e mulher. E disse-lhe: “Eu não vou casar contigo. Livrate! Isto acabou aqui...” E ele ia junto da minha mãe para a influenciar. E há uma altura, que ele me diz que tinha tomado um veneno qualquer. E como ele estava tão pálido? Eu ainda hoje não sei como é que ele arranjou aquilo. Mas a minha mãe viu-o, defendeu-o e disse “... coitadinho do rapaz!”.

Casei. E não fui feliz um único dia da minha vida

Casei pela Igreja, com 23 anos. Casámos pelo Civil, meio ano antes do casamento religioso. Foi uma forma de ele me segurar sabendo de antemão qual a minha postura relativamente a alguma intimidade, que não houve. Quando me casei pela Igreja, estava completamente segura de que era o maior erro da minha vida. Nunca fui feliz, nem um único dia!

Ele era vendedor, chefe de vendas e começou a ganhar muito dinheiro...

Era extremamente desequilibrado emocionalmente e tinha aquela coisa.... De me fazer sentir adorada, dizendo por exemplo: “És a mulher mais bonita que aqui está!”. Entretanto, se um indivíduo viesse falar comigo e demorasse mais do que um minuto, já me estava a puxar e a cravar-me as unhas e a dizer “Vamos embora e vais já!!! Já estás a dar demasiada conversa”. Entrávamos num restaurante e ele virava-me para uma esquina para que eu não olhasse para homem nenhum, nem que nenhum homem pudesse olhar para mim. As crises de ciúmes começaram logo na fase de namoro.

Já nessa altura muita gente me avisou. Até a minha própria sogra me veio dizer que não se responsabilizava pelo casamento. Havia um desequilíbrio emocional muito grande. Era filho único... acho que pouco amado. À distância, percebo que esse desequilíbrio tinha muito a ver com isso. Não lhe faltava nada em termos económicos, mas era mais uma pessoa que lá estava em casa.

Tenho duas filhas que são a coisa boa da minha vida!

Tenho duas filhas que são a coisa boa da minha vida. A mais velha tem 36 e a outra tem 33. Estão solteiras. Estas coisas têm repercussões... Os namoros não funcionam... Elas não têm referência de um casamento... As únicas imagens que têm do pai são daquele tipo que só arranjava problemas. Acho que nem eu, tenho grandes referências! Se me perguntarem o que é estar casada eu não sei muito bem.

O meu ex-marido era muito exibicionista, eu acho que é uma característica dos agressores. Passava as manhãs de sábado a passear as meninas quando eram pequenas, pela cidade, a gravar vídeos. E, que elas nunca mais quisessem ver. A imagem que Viseu tem daquele

indivíduo é a de um pai extremoso, um pai e um marido. Ainda há muito pouco tempo, uma amiga com quem não tenho lidado muito me perguntou: “Que é feito do teu (ele chamava-se Rui) Ruizinho?”. Aterrei, não acreditava no que estava a ouvir. Era a imagem que ele passava, aquela que normalmente passam os agressores, o de serem muito boas pessoas... Entretanto, ele desapareceu completamente da vida das minhas filhas, julgo que ele já não conhece a mais velha. Há 23 anos que perderam o contacto.

O divórcio foi muito complicado

A nossa vida em comum durou 17 anos e foi repleta de cenas de agressão. Chegou a fechar-me dentro da garagem, onde por vezes tinha de dormir.

O divórcio foi muito complicado, na verdade eu tentei o divórcio, que me recorde, para aí quatro ou cinco vezes, ao longo dos 17 anos. Primeiro, a minha família não acreditava em mim e dizia-me: “Vai ser uma vergonha, que provas é que tu tens?”. Um dia arranjei coragem e fui a um advogado que me ouviu e disse: “Tem provas, tem testemunhas?” Eu disse: “Não, não tenho” e acrescentei: “Tomara eu é que os vizinhos não saibam!”. Tomara naquela altura que ninguém soubesse! A resposta do advogado foi curta e seca: “Então minha amiga o que é que quer que eu lhe faça?”. E sai fui ter com o meu irmão a chorar, e ele disse-me “Eu avisei-te, eu avisei-te. Tu não tens testemunhas, é a tua palavra contra a dele...”. Passaram-se uns cinco ou seis anos, na altura as miúdas já tinham uma 11 anos e a outra 13, e começaram a dizer-me: “Oh mãe, sai disto! Oh mãe isto não vai a lado nenhum! Tu já fizeste tudo o que tinhas a fazer”.

Consultei outro advogado e ele disse: “Saia de casa.”. Eu sai num

fim-de-semana em que ele teve uma viagem alargada, da empresa, fiz tudo! Aluguei uma casa, água, luz, tudo... contratei uma empresa de mudanças para levar o indispensável, para o Bairro Santa Eugénia. Enfie-me lá e disse: “Ele não vai descobrir que nós estamos aqui.” Quando saía e tinha que passar em frente à minha antiga casa, comecei a ver os estores corridos e como o conheço, comecei a pensar, “suicidou-se, está lá dentro, morto, e ninguém sabe”. Aquilo começou a moer-me. Porque a gente tem destas coisas, é escusado! É o homem que nós gostámos, com quem casámos, com quem tivemos filhas, que nos tratou abaixo de cão, mas por quem se continua a ter durante muito tempo esta fixação.

Onde estás, diz-me onde estás, isto não tem motivo nenhum para estar assim, ... E eu mudo, eu mudo, eu mudo!

Ele sabia onde é que as filhas tinham aulas. E, começa a fazer-me esperas, começa a fazer tal e qual o que dizem os livros - a seduzir! A aparecer quando eu ia buscar a filha, a dizer: “Hoje estás muito bonita!” e “Onde estás, diz-me onde estás, isto não tem motivo nenhum para estar assim, ... E eu mudo, eu mudo, eu mudo!”. E começou a pequenita, que era no fundo a mais sensível, a dizer: “Deixa lá ir o pai ir a casa! Diz onde estamos a morar”. A mais velha, não!

Depois começou a ir lá jantar, a ficar e a dizer “Porque é que estás a pagar uma renda?”. Eu não voltei acreditando que ele ia mudar, acho que as mulheres de uma forma geral têm consciência de que eles não mudam. No fundo, sabem isso, mas é aquela “coisa” do deixa lá ver. E arranjamos os motivos mais estapafúrdios que se possam imaginar! Eu tinha um! Era que tinha deixado em casa tudo o que era meu. Comecei a imaginar que ele ia lá meter alguém (tinha sabido de uma quantidade enorme de mulheres que tinham passado na vida dele), mete lá uma

mulher na minha casa, com as minhas coisas, na casa que eu decorei... Eu vou defender as minhas coisas e na altura própria quem bate o pé sou eu e digo “quem sai és tu!” Convencida que iria ser assim.

Esta lua-de-mel durou um mês. Quando me apercebi que aquela sedução tinha sido a única forma de eu voltar a casa, fui outra vez ao advogado e desta vez é a sério! É para sair o divórcio e acabou-se a história! E o advogado na altura disse-me: “Não estou muito convencido que vá para a frente, mas olhe, vamos começar o processo.”

O meu ex-marido era cobarde, preservava muito a sua imagem para proteger a parte profissional. Quando recebeu a primeira carta para falar com o advogado, vivi a cena mais violenta de todas as que tinha vivido até ali. E eu pensei mesmo que não chegaria até de manhã. Ele costumava beber. Aliás, foi sempre um dos seus traços característicos. Assim, quando viu a carta, para me ameaçar, para eu sentir que não tinha ninguém que me defendesse e que eventualmente me matava ali mesmo, a “coisa” esteve muito preta. Fechou as miúdas no quarto. Foi muito complicado. E eu vi-me tão mal...que telefonei para o meu sogro. Já nem telefonava para o meu irmão, porque o meu irmão já estava naquela de achar que eu estava maluquinha e que era eu que inventava. Mas o meu sogro sabia bem o filho que tinha. E eu telefonei-lhe e disse-lhe: “Se não vier, eu não sei se me apanha, se me encontra viva amanhã de manhã”. E ele ficou na dúvida, “será que estás a falar a verdade?” E então apareceu às 8 da manhã. Eu estava cheia de nódoas negras e sangue. Ele tinha partido tudo quanto havia na sala para partir.

Há tanta coisa na cabeça de uma mulher vítima de violência, que o limite entre o querer viver e o querer morrer é tão ténue

As miúdas estavam fechadas no quarto. Arrancou tudo, o fio do telefone e pôs-mo à volta do pescoço várias vezes. Só que ele estava tão bêbedo e foi a minha sorte, não tinha grande força e desequilibrava-se. A determinada altura deitou-se no sofá e adormeceu. E quando o pai chegou às 8 da manhã, ao abrir-lhe a porta, eu disse: “Já viu se eu estou viva? Por acaso estou viva, mas podia não estar”. E ele olhou para o filho deitado no sofá a dormir e tudo partido em redor. Ficou tão impressionado que criei ali um amigo. Criou-se uma empatia muito grande. O meu sogro disse-me: “Então, mas isto tem de ter algum fim. Quer ir lá para casa?” e eu disse: “Não!”

A noção exata que se é traída é uma coisa brutal. Quando se está num processo em que a autoestima está de rastos, em que achamos que temos culpa, que não somos suficientemente mulheres, nem bonitas. Há tanta coisa na cabeça de uma mulher vítima de violência, que o limite entre o querer viver e o querer morrer é muito ténue.

A minha sorte é que houve vários fatores que contribuíram para não estar morta, hoje. Ele depois começou a ter residência ora no Porto ora em Lisboa, e vinha só fins-de-semana. Tinha uma amante em cada esquina. E no Porto dizia que tinha três. Tinha o Bilhete de Identidade (não sei como é que ele fazia aquilo) a dizer divorciado, e queixava-se às mulheres que conquistava, que eu não o deixava ver as filhas, não o deixava ir a casa. Chorava, ele chorava muito. Um dia telefonou-me uma mulher que vivia no Porto, com ciúmes e disse-me “deixe-o porque ele não presta”. E ela lá contou que ele andava com mais não sei quantas ao mesmo tempo, que tinha enganado a sua própria família. Uma vez que ele só procurava mulheres com dinheiro.

Quando ele chegou, não o confrontei com a história da fulana que me tinha telefonado, mas percebeu que a máscara lhe tinha caído e que já não havia argumentação para me segurar em casa com as filhas. Eu disse-lhe: “tens 5 minutos para sair desta casa” e ele riu-se. Então, peguei num tocheiro de estanho, juro que tinha espatifado o homem com aquilo. E, no entanto, deixei-me bater 17 anos. Mas é o tal limite. Ele entendeu, ele leu isso nos meus olhos. Ele estava a tirar gravata e voltou a pô-la. Foi a última vez que eu o vi.

Há uns dois anos, ele telefonou-me querendo voltar, mas a conversa não lhe agradou... Quando ele me queria denegrir, chamava-me de senhora doutora: “Está bem senhora doutora, já chega de psicologia, já percebi a conversa” e desligou-me o telefone na cara. Portanto, continua a ser o mesmo. Haja Deus!

Durante 5 anos eu morri para a vida

Durante 5 anos eu morri para a vida, completamente. A minha sorte foi realmente ele ter vergonha da sociedade e ter desaparecido daqui. Só que, exigiu-me metade da casa, metade dos móveis, até fez uma lista minuciosa de tudo o que queria e do que levou, e do que eu deixei ir. Ainda hoje eu me pergunto a mim mesma como é que se está tão escavacada por dentro que se dá tudo. Quando o divórcio foi decretado, eu tinha meia dúzia de tostões na minha conta. Com duas filhas, sem ajuda de ninguém, sem nada. De maneira que durante 5 anos, eu comecei a dar explicações já na altura e a deitar mão a tudo a quanto havia, porque eu quis de algum modo proporcionar às minhas filhas aquilo a que estavam habituadas (as miúdas andavam na natação, no órgão, no inglês). “Falta-lhes o pai, mas não lhes faltará o resto!”. E fui trabalhar. Eu só chegava a casa para comermos e para

dormir. Não tinha tempo para mais nada, para pensar até se existia, se existia como mulher!

Renasci das cinzas!

Foram as minhas filhas que me incentivaram a procurar ajuda profissional Estes casos têm um peso enorme para os filhos, seja rapaz ou rapariga. A minha filha mais velha assumiu plenamente o papel de chefe de família. E eu noto que nalgumas circunstâncias fui um peso, porque bati fundo muitas vezes. E foram elas que me disseram: “Oh mãe, faz psicoterapia! Vai lá falar destas coisas....”O psicoterapeuta disse-me que se não tivesse feito terapia não sabia se ainda estaria aqui, hoje.

“Como é que uma mulher lutadora pela liberdade não conquista o seu próprio 25 de Abril?”. Foi a frase dele que nunca me saiu da cabeça. Eu estou presa a uma quantidade de coisas, das quais acho que ainda não me libertei completamente. No entanto, acho que cabe às mulheres perceberem a força que têm para poderem gerir o seu próprio destino, sem precisarem de que lhes digam o que precisam fazer.

Depois disso, comecei a entrar na política, e ao mesmo tempo tirei uma especialização no Instituto Piaget. Tratava de surdos, mas ainda não tinha a especialização. e acho que me transformei noutra pessoa. Sei lá, renasci das cinzas!

Tive uma atividade política muito intensa, fui Presidente das Mulheres Socialistas, deputada municipal e intermunicipal, pertenci aos órgãos nacionais. Em Viseu, nas penúltimas eleições legislativas, queriam que ficasse num lugar elegível, mas eu não concordei e fui em 5º lugar para cumprir a lei das quotas. Só entraram 3 deputados e a última a entrar

foi a Elza Pais. A Lei da Paridade tem o efeito de dar dignidade às mulheres. Se não tivesse sido aprovada a Lei da Paridade, as mulheres não entravam nas listas da maioria dos partidos.

A sensação de liberdade é potente

Ouçõ conversas informais de mulheres que dizem: “Ai, o meu marido se me levantasse a mão, só me levantava uma vez!”. Porque aquelas que dizem isto, não têm consciência da situação das outras que levam caladinhas. Estas mulheres são de todos os estratos sociais e de todas as idades. Sei de alguns casos de pessoas que ainda hoje estão casadas, de estrato social elevado, que levaram pancada toda a vida, que se escondem atrás de óculos escuros... frágeis. Aguentam-se porque em cidades como Viseu a violência de género, ainda é incompreendida. Principalmente, quando as pessoas têm muitas ligações e compromissos sociais, em que aparecem o marido e a mulher juntos. A violência é transversal à sociedade. E, aquelas que se divorciaram não assumem publicamente que levavam pancada. É muito raro e a desculpa do divórcio é sempre “porque não nos dávamos bem”.

Disfarça-se lindamente, e vive-se uma vida de sufoco.

Acredito que se vivesse na mesma terra, eu e o meu ex-marido e assumisse um relacionamento com alguém, que estaria feita ao bife. Eu, ele, e a pessoa que estivesse comigo! Eu tenho essa noção. Eu acho que é de cortar todas as possibilidades de vir a ser feliz. De ser livre, de ser, de ser mulher.

Nunca mais tive um namorado. Eu via em todos os homens que se aproximavam de mim os defeitos do meu ex. Se visse um homem a pegar em dois copos de vinho seguidos, nem que o homem não fosse

bêbado, já era bêbado para mim. E depois também não tive tempo. Também, me protegi muito. E quando saio com casais e percebo que há ali qualquer coisa, vou para casa e prefiro ficar sozinha. A sensação de liberdade que se consegue é potente.

Cabe às mulheres perceberem a força que têm de serem as donas do seu próprio destino. O caminho das mulheres para a liberdade é um caminho muito longo e de luta!

*LÚCIA MARIA
FERREIRA*



“

O facto de eu ter toda a vida trabalhado muito faz de mim uma pessoa sempre activa e que olha a vida de frente, procurando ultrapassar os obstáculos que me têm surgido.

“

Chamo-me Lúcia Maria Ferreira, tenho 54 anos, sou casada, natural de Aveloso/Sul, concelho de S. Pedro do Sul, residente em Aveloso. Atualmente sou artesã.

Eu fui mais uma filha que ele teve

Relativamente à minha vida, posso começar pela minha infância, sou filha de uma mãe solteira.

Quando eu nasci a minha mãe já tinha 32 anos. A minha mãe é inválida, nasceu com uma perna dobrada, teve que lhe ser partido o joelho, para lhe endireitar a perna. Desde essa altura usa um aparelho, com uma bota de cortiça alta, para que aquela perna seja do mesmo tamanho da outra, porque ficou mais curta. Portanto, a minha mãe foi operada graças a um senhor que é daqui da terra, que na altura estava empregado num hospital em Lisboa. Foi ele que a levou para lá para fazer essa operação. Até aos 19 anos a minha mãe caminhou com a perna assim, ia à escola com a perna dobrada. Caminhava de rastos. Aos 19 anos, só depois da operação é que começou a caminhar direita. Mas claro que ela nunca pode trabalhar, porque isso a impedia de trabalhar. Esta deficiência era uma grande limitação para certos tipos de trabalho.

Acontece que ela foi mãe solteira e o meu pai era aquele tipo de homem vagabundo. Quando se envolveu com a minha mãe já estava separado da mulher e andava com outras mulheres. Teve filhos de várias mulheres, e eu fui mais uma filha que ele teve. Além de nunca ter dado nada para me ajudar a criar, também nunca viveu com a minha mãe.

Veja-se lá como é que foi a minha infância!

Ora com uma mãe inválida, sem poder trabalhar e um pai que não me dava nada, veja-se lá como é que foi a minha infância, muito má! Naquela altura não havia reformas, não havia ajudas do Estado, não havia nada.

Com 12 anos tive que começar a trabalhar, para mim e para ela. Foi muito complicado! Aos 12 anos, ia buscar molhos à serra, cortava erva para a alimentação dos animais. E trabalhava para outras pessoas sachando milho.

Fui à escola, era uma aluna inteligente e fiz, fiz tudo até ao 12º ano, sem chumbar ano nenhum. E, não fui para a faculdade precisamente porque não tinha poder económico para isso, não é? Nessa altura não havia universidade em Viseu e era necessário mudar-me para onde existia faculdade. E não tinha quem me financiasse. Fiquei com o 12º ano.

Antes disso fiz a 4ª classe, depois fiz a Telescola, no meu tempo ainda era a Telescola. A seguir à telescola quis ir trabalhar, porque lá está, não havia dinheiro para nada e resolvi ir trabalhar. Sempre gostei muito de ler. Recordo com saudade a Biblioteca Itinerante da Gulbenkian que regularmente visitava as aldeias isoladas do concelho e onde podíamos requisitar os livros que de outro modo não leríamos.

Mas ela foi-me buscar

E então fui para Lisboa servir, aos 14 anos. Tinha 14 anos e uma senhora que vinha aqui passar férias levou-me para lá, para a casa de uma senhora conhecida que não tinha filhos. Ela tinha sido professora e o marido tinha tido um AVC. Eram um casal de reformados. Como

não tinham filhos, não tinham quem ajudasse a tomar conta deles. E, então fui lá para casa. Só que é assim: estive lá só um ano, porque a minha mãe cismava que eu tinha que me vir embora. Pensou que eu ia para ficar e a deixava aqui sozinha. Andou, andou até que me foi buscar e trouxe-me para cá.

Mas quando eu fui para Lisboa estava farta de sachar milho, cavar terra de sol a sol. Dava-me o sol nas costas que até me saía a pele às vezes. E aquilo para mim, o ter ido servir, até era mais ou menos. O trabalho era dentro de casa, embora fosse um trabalho pesado sempre era mais leve que o trabalho no campo. Mas, ela [a mãe] foi-me buscar.

Então quando cá cheguei pensei melhor e disse à minha mãe que queria ir estudar, que queria continuar a estudar. Ia para o 8º ano. Estudei até ao 11º ano, alumiada por candeeiro a petróleo.

Para estudar tive que trabalhar no Verão na agricultura para outras pessoas, para ganhar algum dinheiro para poder estudar e para ajudar em casa. A minha mãe só teve direito a uma pequena reforma de invalidez, muitos anos mais tarde.

Comecei a namorar quando andava no 11º ano tendo casado nessa altura, com 21 anos. Quando casei não tinha nada.

Fiz o 12º ano depois de casada e já com dois filhos. Trabalhava de dia numa fábrica de confecções em Vouzela e à noite chegava a casa e ainda ia estudar para S. Pedro para a escola Secundária. E mesmo assim tinha de lavar roupa dos rapazes e do marido num tanque, mesmo no inverno, com água gelada.

Trabalhei numa empresa de produtos alimentares (gelados e congelados).

Eu andava com uma carrinha a vender pelas aldeias e quando chegava à empresa já com 8 horas de trabalho tinha que ir fazer as contas e carregar a carrinha para o dia seguinte entrando num armazém frigorífico com 30 graus negativos, o que deu cabo da minha saúde. A empresa foi à falência e fiquei sem trabalho aos 49 anos.

Mas dei a volta à vida

Andei muito mal com esta situação e apanhei uma depressão, mas dei volta à vida. Faço bolos tendo registado a patente de um pão-de-ló de farinha de milho sem glúten. Os meus produtos: licores, compotas, biscoitos e chás têm o nome de “Sabores de Sul”. São produtos locais produzidos de acordo com as colheitas da época. Relativamente aos chás, procuro no campo ervas medicinais, bem como procuro informar-me sobre os seus efeitos terapêuticos, antes de os comercializar.

Adaptei-me à nova profissão muito bem e vendo em feiras locais e regionais.

Nem sei como tenho esta cara. Sempre a trabalhar fora. Agora tenho ajuda do meu marido, pois ele habituou-se. Aprendeu a cozinhar, mas de início não era assim. Vinha mal educado pela mãe, como acontece a muitos homens. O meu marido teve vários empregos e neste momento é motorista internacional.

Tenho dois filhos rapazes já licenciados, um a viver no Dubai com mestrado em Química e outro engenheiro Informático a viver em Oliveira de Frades.

Sou avó de uma menina e de um menino, do meu filho mais novo

Tomo conta da minha mãe com 86 anos.

Tenho pouca flexibilidade para estar mais tempo fora de casa por causa do apoio que dou à minha mãe.

O facto de eu toda a vida ter trabalhado muito faz de mim uma pessoa sempre activa e que olha a vida de frente, procurando ultrapassar os obstáculos que me têm surgido ao longo da vida.

*MARIA DO
PATROCÍNIO*



“

A mensagem que eu deixo
para as mulheres é o de
acreditarem nelas, que é possível,
que conseguem. E sonhar. É preciso
sonhar. E depois avançar
pelo sonho.

“

Eu nasci lá em Gourim, na casa dos meus pais. Eles tiveram 11 filhos

Chamo-me Maria do Patrocínio da Costa Martins, tenho 43 anos, sou natural da aldeia de Gourim, freguesia de São Martinho das Moitas, concelho de São Pedro do Sul. Moro em Abrevezes, Viseu. Estou divorciada, tenho um filho e sou contabilista certificada.

Nasci em Gourim, na casa dos meus pais. Os meus pais dedicavam-se à pastorícia e à agricultura. Tiveram 11 filhos, eu nasci em 1972 e fui a última filha. Na aldeia havia poucos habitantes, só existiam mais dois moradores. E parte dos irmãos já lá não estava.

Eu mal conhecia os meus irmãos mais velhos. Havia uma grande diferença de idades. O meu irmão mais velho tem 66 anos e tem um filho da minha idade.

Na aldeia não havia escola, não havia luz, os acessos eram difíceis. O meu pai ia às compras a São Pedro do Sul numa égua. Levava coisas para vender na Feira, para conseguir dinheiro e poder trazer alguns mantimentos. Para nós chegava sempre muito pouco porque ele gostava, quando lá ia alguém a casa, de agradar aos visitantes e se fosse preciso até se matava o porco! Havia uns torresmos, umas chouriças e umas coisas assim mas não era para a casa, era para quem nos visitasse. Lembro-me de repartirmos uma sardinha por três. E de comermos do mesmo prato. Era um grande prato.

As pessoas da minha idade ficam um bocadinho incrédulas com a minha vida. Isso foi a minha história até aos meus 6 anos, 6 anos e pouco.

Daí eu fui para a aldeia do Fujaco, para a casa da minha irmã que lá morava. Era onde havia a escola mais próxima. Foram tempos muito duros, muito difíceis.

Não havia uma parte do meu corpo que não fosse pisada e marcada

Todos os dias eu levava porrada, com motivo ou sem motivo. Eu era uma criança e apanhava com o que viesse à mão: era com as mãos, com os tamancos... Na altura havia uns tamancos de madeira com umas fitas de cabedal. Quando fui fazer a primeira comunhão, a D. L., que já faleceu, com a minha irmã a seguir a mim, que estava lá a morar, levou-me para sua casa para me arranjar para a primeira comunhão. E lembro-me de ela me contar isso várias vezes, não havia uma parte do meu corpo que não fosse pisada e marcada. Foi complicado. Ainda hoje a minha relação com ela não é assim muito fácil porque é efetivamente uma irmã diferente dos outros todos. Eu estive aí cerca de 2 anos.

Os meus pais não sabiam de tudo que se passava. Houve uma vez que o meu cunhado me agrediu, mas a maior parte das vezes era a minha irmã. Uma vez entrei em casa e ele mandou-me um murro no peito. Bati com a cabeça na porta. Eram portas que tinham zinco de protecção para a chuva e a soleira era de pedra. Escorreguei, bati com a cabeça na pedra e desmaiei. Não me lembro muito bem quanto tempo estive assim. Mas devo ter estado algum tempo porque eles ficaram assustados.

Gostava muito da escola, da caligrafia, de escrever bonito, naqueles caderninhos da música, para escrever dentro daquelas linhas. Eles nunca me queriam comprar nada. E nesse dia quando acordei, fizeram-me prometer que não diria nada aos meus pais e que eles me iriam comprar tudo que eu queria. Com medo, acabei por nunca dizer aos meus pais, porque este episódio foi mesmo muito grave visto que cheguei a perder os sentidos.

De certa forma, os meus pais saberiam porque eu chegava a fugir quando a minha irmã não me conseguia bater. E quando fugia, ia sempre para

Gourim. Às vezes chegava, outras não. Às vezes a meio do caminho dava-me o medo (é preciso subir a montanha até ao topo e depois descer outra vez). Nessa altura havia lobos e pinheiros. Às vezes havia incêndios mas eu, pelo menos umas 3 ou 4 vezes, cheguei a Gourim e quando isso acontecia ficava toda contente. O meu pai não gostava muito que eu fugisse e houve uma vez ou outra que me obrigou regressar sozinha.

O Sr. R., que era uma espécie de caseiro da D.H., falou com o meu pai para eu ir para Aveloso. O meu pai ficou todo contente com essa possibilidade. No fundo ele não gostava muito que eu estivesse, no Fujaco e não gostava daquele genro. Fiz a 1ª e a 2ª classe e fui nesse Verão para casa da D. M., na casa ao lado da D. H. Bom, aí a história também não correu muito bem. Eu tinha 8 anos.

Ela obrigava-me a trabalhar como uma pessoa adulta e eu era uma criança

Ela obrigava-me a trabalhar como se fosse uma pessoa adulta. Era passar a ferro, era cuidar das terras, e eu não passava de uma criança. Foi nessa altura que eu conheci a P. A D. M. começou-me a proibir de estar com a P. porque perdia muito tempo na brincadeira. Então começámos a mentir. Ela mandava-me às compras e eu avisava a P. “Olha, eu vou ter que ir a Oliveira às compras”, e ela: “Então eu vou-me adiantar no caminho”. A gente fazia assim: íamos por um caminho, enfiávamo-nos no rio, com roupa ou sem roupa, era como calhasse e o que dava mais jeito. Tentávamos não chegar na mesma altura a casa para ela não desconfiar. Mas nem sempre corria bem. Depois aparecíamos molhadas e ela perguntava: “Então, estão todas molhadas? O que é que se passou?” E nós dávamos umas desculpas. Que tinham aparecido uns rapazes que nos tinham molhado com umas seringas, coisas assim. Não sei se ela acreditava ou não. Mas a gente tentava.

Um dia correu mal, acho que ela me queria bater com a bengala. Ela tinha uma bengala. Eu já estava um bocadinho calejada de tanta porrada e fugi. Só que coloquei a aldeia toda em alvoroço. Chovia torrencialmente naquele dia. Estavam todos preocupados porque eu não aparecia. A D. M., de tão preocupada, desmaiou umas duas vezes.

Abriguei-me da chuva, enquanto as pessoas da aldeia andava à minha procura. Quando chegou a noite escura resolvi regressar. Eles até já tinham terminado as buscas e eu apareci na casa da D. H., estava lá a P. nessa altura. Isso eu lamento até hoje porque a D. H. ficou com um peso que não era dela, de me ter protegido ou encoberto. Mas na era verdade, ela não teve responsabilidade absolutamente nenhuma no assunto, eu é que simplesmente apareci lá, no final, porque já não sabia onde havia de ir, e ali era um sítio seguro. No entanto a D. M. sempre a responsabilizou por isso.

Nessa noite eu dormi na cama com a minha amiga P.

Um dos filhos da D. M. e a mulher, chegaram lá no dia seguinte, arrancaram-me da cama, não me deixaram despedir da P. e levaram-me a Gourim. Só que correu muito mal porque era dia de Feira e o meu pai estava lá. Alguém já lhe tinha buzinado aos ouvidos o que tinha acontecido, que eu tinha fugido. O meu pai, como tinha gostado tanto que eu fosse para aquela casa que achava ser de confiança, pensou que eu é que tinha feito asneira.

Já gastei muitas sessões de terapia com este tema...

Eles levaram-me logo cedo e eu estive todo o dia em Gourim sem o meu pai. Quando chegou, no final do dia e me viu, parecia que era o diabo. Já gastei muitas sessões de terapia com este tema tão difícil!

O meu pai praticamente ia-me matando, colocou-me uma faca ao peito. E só não avançou porque a minha mãe se colocou à frente e disse-lhe: “Se tens que o fazer, faz a mim primeiro”. Acho que teve um rebate de consciência e parou. Foi um episódio muito traumático na minha vida. Na altura a educação era mesmo assim, era bater, com bastante agressividade e violência.

Eu olhava para aqueles montes e dizia que afinal o mundo era muito grande e eu não estava a ver nada

A partir daí fiquei em Gourim, já não queria mais ir para a escola, embora achasse e acreditasse que era bom saber mais. Com 6 anos, quando tenho noção de mim com essa idade, eu olhava para aqueles montes e dizia que afinal o mundo era muito grande e eu não estava a ver nada. Mas estava desanimada porque as coisas não me corriam muito bem.

Em Novembro, já a escola tinha começado, a D. H., que não desistia de mim, a D. J., que está em Aveloso e a D. L., que já faleceu, elas foram as três de táxi a Gourim. Levaram a minha pastinha cor-de-laranja, que eu tinha na D. M., onde tinha deixado tudo. Traziam umas bolachas pois sabiam que eu era gulosa, que era para me “comprarem”. Tinham-me arranjado uma casa para eu ir, para continuar a estudar.

Mas eu não vim, tive medo que fosse a mesma coisa, nem bolachas, nem nada, não me convenceram! Elas vieram muito tristes sem mim. A minha irmã mais velha, a M., que está no Fujaco, é que começou a dizer-me: “Olha, tu devias continuar. Ao menos vocês, as mais novas, deviam aprender a ler e a escrever, ao menos ter a 4ª classe”. E o meu pai também, apesar de todas as circunstâncias, de toda a rudeza, também tinha gosto por isso. Ele chegou a dizer que as mais novas deviam ter

curso superior. E ao menos essa premissa ele conseguiu.

Eles começaram-me a dizer que era o melhor para mim e então lá fui eu para a tal casa que era em Oliveira do Sul.

Tratavam-me mesmo como uma criada e não me deixavam brincar

Era um casal que não tinha filhos. Tinham uma mercearia, e se calhar por isso, eram pessoas muito frias. Tratavam-me como uma criada. Eu não tomava as refeições com eles, não era digna da sua companhia, Eles faziam-me a comida e eu tinha que comer numa parte fora da casa, numa espécie de banca de cimento. Também me obrigavam a andar de bibe e ir de bibe para a escola, o que fazia com que fosse gozada. Também me obrigavam a trabalhar.

Deixavam-me estudar, mas não me deixavam brincar. Eu arranjava sempre uma estratégia para arranjar brincadeira. Dormia no sótão sozinha. Tinha medo todas as noites. O sótão era do tamanho da casa, era todo por minha conta e para mim aquilo era um horror! Eu tinha que ir dormir quando eles iam, ver o que eles viam, e fazer o que eles faziam. Tinham o hábito de ir ver os jogos de futebol aos domingos. Não iam à igreja, tudo bem, isso é com a ideologia de cada um, mas eu gostava de ir porque ao menos sempre podia conviver com os meninos e as meninas da minha idade. Mas não! Também era obrigada a assistir aos jogos de futebol. Passeavam muito, corriam os lugares todos, só que eu, não queria ir com eles. Como ia sem vontade, não me lembro que lugares é que foram visitados. Passava sempre mal do estômago e vomitava.

Houve um dia em que eles permitiram que eu ficasse. Supostamente eu devia estar na casa da vizinha em frente e não estava, estava no início da aldeia. E nesse dia, também me “acertaram o passo”.

Eu tinha 10 anos, estive lá até à 4ª classe. Só que o meu pai morreu em 31 de Dezembro de 1982.

O meu pai tinha pedido que queria ver as filhas mais novas, mas nunca me levaram ao Hospital

O meu pai esteve hospitalizado com uma pneumonia. Ele tinha pedido para ver as filhas mais novas (a mim e à minha irmã C.). Eu queria muito ir visitá-lo. Mas eles nunca lá me levaram.

No dia em que o meu pai morreu, eu andava com as cabras e eles chamaram-me e disseram “Olha, o teu pai morreu” como quem bebe um copo de água, de forma seca e fria. Naquele dia, eu devo ter congelado, fiquei paralisada, nem ria nem chorava, nem nada e quando eu estava à lareira, a afillhada deles vira-se para mim: “Então, o teu pai morreu e tu não choras?”. São aquelas frases que nos ficam gravadas na memória.

Fico nessa casa desde Dezembro até Junho, quando acaba a escola. A ideia era que eu continuasse lá e depois ia para o ciclo. Mas não havia ciclo na altura, era telescola (recebíamos as aulas pela televisão).

Eu ainda sou do tempo em que a telescola, era no 1º e 2º ano do ciclo preparatório e essa escola era depois de Sul. Indo para lá eu iria ocupar o dia todo e a mão-de-obra diminuía, Eu só soube no fim do ano, que a D. A. foi pedir à professora para me chumbar na 4ª classe. A professora disse-lhe: “Normalmente os pais vêm cá pedir para aprovar os filhos. “E como ela não é sua filha, eu não posso reprová-la”, disse a professora, “Eu não posso fazê-lo porque ela é uma das melhores alunas da turma.” Só soube isso depois. A professora cumpriu e não me chumbou.

A minha irmã mais velha apareceu e eu fui com ela e já não pus lá mais os pés.

Eu ali sentia-me bem, com a minha mãe, sentia-me mesmo bem

Foi mais um período de Verão, com a minha mãe, a minha irmã mais velha e um meu outro irmão, éramos só nós os quatro.

Eu estava contente porque estava lá no meu sítio. Ali eu sentia-me bem. Com a minha mãe, sentia-me muito bem. A dada altura a minha irmã veio à feira, o meu irmão abalou, a minha mãe ficou a roçar estrume e eu fui com o gado. Já tinha 10 anos, já tinha a 4ª classe. Eu vou com o gado todo, umas trezentas cabeças de gado, para o monte e ela disse-me assim: “Oh, minha filha, vou ficar aqui a roçar o estrume, a carqueja, para depois meter nos currais”. Pensei que ela ia ficar por ali. Quando regressiei ao fim do dia não a vi. Entrei em pânico! Estava sozinha e a minha mãe tinha desaparecido. Pensa-se em tudo. “A minha mãe caiu para aí, nalgum sítio?” Mas afinal, já estava em casa a cuidar dos tachos. Pregou-me um grande susto!

Passou-se esse Verão e numa dessas viagens à Feira a minha irmã M. apanhou boleia com o Sr. J. P. Ele e a mulher conheciam-me de Oliveira. Então ele convidou-me para ir lá viver com eles. E, a minha mãe e a minha irmã lá me convenceram.

De todos os sítios por onde passei, foi onde fui mais bem tratada, nunca me agrediram

A minha mãe foi-me levar a casa do Sr. J.. Eu era pequenita. E o tamanho da casa! Eu agora olho para a casa do Sr. J. e se calhar nem é uma casa muito grande. Mas naquela altura, para mim, aquilo era gigantesco, ainda para mais comparada com a nossa, onde a gente partilhava a mesma cama, dormíamos cinco juntos. Aquilo era imenso! Eu até gostei, a minha mãe estava comigo, passou lá a noite, tudo muito bem. Mas de

manhã quando acordo, já não a vejo. E nisto saio do quarto. Aquilo era uma confusão, eram só portas e portas. Fico em pânico, a achar que ela se tinha ido embora e me tinha lá deixado. Eu queria estar com a minha mãe. Mas ela ainda lá estava. Depois lá se despediu e começou-me a convencer que eu tinha que ficar, que era para o meu bem. E eu cedi.

Acabei por me ambientar às pessoas e até a gostar delas. De todos os sítios por onde passei foi onde fui mais bem tratada, nunca me agrediram. Não me tratavam mal, mas é claro que eu trabalhava. Trabalhava lado a lado com um homem a ganhar ao dia e eu não lhe ficava atrás. Eles pagavam ao homem e eu acompanhava-o no mesmo trabalho, a fazer o mesmo que ele e a carregar pesos de 50kgs. Eu tinha “cabedal” e muita força. Subia às árvores, rachava lenha etc. Trabalhos domésticos não fazia muito porque eles tinham a filha e davam-lhe os trabalhos mais “soft”. Os trabalhos mais esforçados eram para os outros. Mesmo assim foi onde me senti melhor.

A minha mãe deixou-me em Outubro, em casa do Sr. J.. Fui a Gourim passar o Natal com ela e foi a última vez que a vi, ela faleceu a 17 de Janeiro de 1984. E aí a postura foi totalmente diferente, não me deram a notícia daquela maneira fria. Levaram-me a vê-la. Ela morreu nos braços da minha irmã mais velha no Hospital de São Pedro do Sul. O Sr. J. e a D. C. foram comigo à morgue, para me despedir da minha mãe. Foi muito diferente...

Já não tinha mãe nem pai. Não tinha ninguém que quisesse ficar comigo

E depois disso já não tinha mãe nem pai. Não tinha ninguém que quisesse ficar comigo.

O meu irmão mais velho lembrou-se que tinha irmãs mais novas e fez uma tentativa de nos levar para França, mas nós não quisemos ir. Então optou por me levar para casa dos sogros dele. Foi outra fase complicada porque eu tinha-me afeiçoado à D. C. e ao Sr. J. e gostava de lá estar. No 7º ano fui para o liceu, para São Pedro e fiquei na casa dos sogros do meu irmão. Tinha que trabalhar nas terras, trabalhar duro para pagar a dormida e a comida, e também não eram assim pessoas muito fáceis.

Um senhor da parte social do liceu, a dado momento chama-me e pergunto-me se eu estava contente e se gostaria de ir para a residência de estudantes. Eu disse-lhe: “Bom, se calhar não será pior. Se calhar ainda será melhor do que onde estou”. Era a Residência feminina de São Pedro do Sul.

Hoje não me lembro do nome do senhor, mas a gente vai encontrando uns anjos pelo caminho, não é? Pessoas que sempre nos ajudam. Ele tratou de tudo e eu entrei na residência feminina no 8º ano. Só que o problema é que terminava a escola e eu não tinha onde ficar nas férias e nos fins-de-semana...

Marquei ali a minha posição. Nessa altura, se ela me tivesse tocado eu tinha-lhe tocado também

Fiquei com um grande problema, não sabia o que é que havia de fazer. Nessa altura tinha 12 anos. Tive de pedir à minha irmã do Fujaco se podia lá passar essas férias grandes. Só que eu já tinha um corpinho bem constituído, já mulher mesmo. Virei-me para ela e disse: “Olha bem para mim”. Ela pôs-se muito séria a olhar para mim, “Mas o que é que se passa?”, “Olha, que tu olha-me bem para mim”. Ela não estava a perceber muito bem. Disse-lhe: “Olha bem, porque agora se tu me acertares eu também te acerto” Ela agora nega e diz que foi para o meu

bem, aquela linguagem universal dos agressores! Mas eu marquei ali a minha posição e ela efectivamente não me tocou, porque nessa altura, se ela me tivesse tocado, eu tinha-lhe tocado também.

Terminou o Verão e fui para a residência. Mas não me deixavam lá ficar nos fins-de-semana, nem nas férias. Fui pedir de novo à D. C. e ao Sr. J. para ir passar os fins-de-semana e as férias com eles pois não tinha para onde ir.

Fazia a semana na residência de estudantes e aos fins-de-semana ia de autocarro ou à boleia, conforme calhava. Não tinha dinheiro nenhum, só recebia a pensão de alimentos que era uma ninharia, era o valor que eu recebia da morte dos meus pais. Não tinha dinheiro para comprar roupa, a roupa que tinha era a que me davam. O calçado, muitas vezes estava roto e a apanhar água. Tinha que pensar no futuro e eu não queria aquilo para mim, eu queria mais.

Gostava muito da matemática, mas diziam-me que saídas através da matemática não me iam levar longe. Podia não ter sucesso, não arranjar emprego. É quando me disseram que havia aqui o curso técnico-profissional de Contabilidade e Gestão em Viseu, na Emídio Navarro em que, quase garantidamente, a pessoa arranjava trabalho no fim do 12º ano.

Vim para a cidade de Viseu sem conhecer nada nem ninguém, com uma inscrição mal feita e não tinha dinheiro nenhum

Vim para a cidade de Viseu sem conhecer nada nem ninguém, com uma inscrição mal feita. Na residência de estudantes colocaram-me no escalão máximo e eu não tinha dinheiro nenhum. Na transferência de escola, a turma, também ficou mal e eu fiquei mais de um mês na turma errada. Na residência, eles deixaram-me estar até regularizar a situação,

porque perceberam que houve um erro. Na turma, também tive que aguardar até que as papeladas decorressem para ingressar na turma correcta, com tudo isso perdi testes. Entretanto comecei a fazer amizades na residência. Éramos cento e tal. Era necessário haver algum rigor e disciplina. Nós tínhamos escalas para estar na cozinha ou arrumar os quartos. A Directora era uma pessoa muito rigorosa. Algumas pessoas foram-se embora. Eu queria ir-me embora, “mas não, não pode ser, que é que vai ser de ti? Tens que continuar a estudar, por mais que te custe.” Era esse diálogo interno que eu às vezes fazia, quando os momentos estavam muito difíceis. Parecia que era outro “eu” a falar comigo, para me encorajar, para me fazer continuar.

Continuava a ir aos fins-de-semana à D. C. e no 11º ano havia uma colega que tinha um restaurante em Vila Nova de Paiva, para onde comecei a ir nas férias trabalhar, para ter algum dinheiro. Andava ali na escola Emídio Navarro e os colegas de turma iam no intervalo ao refeitório comer um bolo ou comer qualquer coisa e eu não podia fazê-lo, porque não tinha dinheiro para o fazer. Houve bastantes episódios que me convidavam a desistir e que eu consegui ultrapassar. Como faltei aos primeiros testes, fiquei logo com negativa no primeiro período. Depois consegui recuperar.

Não depender de ninguém e ter uma casa para mim, ter um tecto, era uma luta sempre permanente

Não depender de ninguém e ter uma casa para mim eram as coisas fundamentais. Ter um teto. Era uma luta sempre permanente. No 12ºano andavam na escola a fazer entrevistas para a “Sumol” com os melhores alunos. Fui a uma entrevista. Acabei por ser seleccionada e fiquei a trabalhar na Sumol quatro anos. Arranjei um quarto a partilhar

com outra moça que entrou comigo. A minha irmã C. tinha problemas onde estava e acabo por ir morar com ela.

Estava a trabalhar, mas era a primeira vez que o curso ia ser à noite.

As coisas para mim têm sido sempre suadas e difíceis, é sempre com muito esforço, muita luta. No final são conseguidas mas há sempre um trabalho muito árduo.

Eu acabei o curso com 20 e tal anos.

Casei com 20 anos e fui mãe aos 21. Ele era uma pessoa difícil e complicada

Arranjamos um apartamento e fui morar com a minha irmã C.. Mas eu é que tratei do contrato e arrendamento jovem porque já tinha vencimento. Nessa altura comecei a namorar e a estudar à noite. O meu ex-marido começou a ir ficando lá em casa até que os pais dele começaram a pressionar para a gente se casar. Casei com 20 anos, fui mãe aos 21 porque já estava grávida quando surgiu a ideia de me casar, apesar de não saber que estava grávida.

O meu filho nasceu em Janeiro. Tinha o L., o meu filho, tinha o trabalho, a lida da casa e ainda estudava à noite. Na altura a minha sogra chegou-me a ir levar muitas vezes o meu filho, à noite, para eu lhe dar a mama nos intervalos das aulas. Foi sempre uma querida comigo.

A nossa primeira crise foi após dois anos de casada, tinha eu 22 e estava há quatro anos na “Sumol”. A firma passou por uma grande transformação, os serviços de contabilidade tinham sido centralizados em Lisboa e decidiram que as pessoas que estavam nesse setor, ou iriam para Lisboa, ou iriam para a rua. E na altura o meu ex-marido até disse:

“Por mim, tu até podes ir para Lisboa, desde que ganhes mais, está tudo bem”.

Nessa altura o meu filho tinha 15 meses. Quando fui com ele à consulta, no Centro de Saúde, caí pelas escadas abaixo. Parti o pé esquerdo, a perna ficou para trás, e eu levava o meu filho ao colo. Claro, o pé partiu, ficou inchado e o miúdo chorava imenso. Fui depois submetida a uma cirurgia, fiquei de baixa. No entanto continuei a trabalhar, a equipa de Viseu era excelente e apoiaram-me muito.

Ele queria o cheque. Agrediu-me nessa altura, fechou-me no quarto e eu não me podia defender porque estava engessada

Aconteceu tudo ao mesmo tempo, primeiro esse episódio e depois a fusão da em empresa, em paralelo. Eu acabei por decidir não ir para Lisboa e nessa altura chegou o cheque da indemnização. O meu ex-marido queria o cheque. Agrediu-me nessa altura e fechou-me no quarto. Não deixou a minha irmã entrar. Eu não podia defender-me porque estava engessada. Estava casada há dois anos, mas o casamento ainda durou mais três. Mais tarde houve uma segunda tentativa, mas eu aí defendi-me e bem. Ataquei-o logo de forma a ele ficar imobilizado.

Entretanto, tivemos que sair do apartamento, pois o subsídio de arrendamento jovem estava a acabar e ele começou a implicar com a minha irmã C.. E...a gente acredita sempre que há uma esperança e tenta de novo.

Fomos viver para Cavernães. Ainda lá vivemos uns três anos. É em 1998, salvo erro, que eu peço o divórcio pela primeira vez. Ele não reagiu muito bem. Ainda ficou lá em casa, punha coisas à minha frente para me intimidar, para me assustar: armas brancas. Finalmente lá consigo que

saísse de casa, ele não queria dar-me o divórcio e já tinha um advogado. Consegui uma proposta para a compra do meu apartamento em Abraveses, numa luta contra o tempo porque eu queria que o divórcio saísse e estava à espera da aprovação do crédito. No entanto o divórcio tinha que sair primeiro para ele não entrar no crédito e então foi ali uma certa ginástica. Na altura não tinha dinheiro para dar o sinal mas houve pessoas amigas que me ajudaram. Pedi o empréstimo pela casa na totalidade e devolvi o dinheiro às pessoas.

Só consegui concluir a licenciatura no ano 2000 por causa de algumas interrupções ao longo dos meus estudos.

Encontrei um colega do bacharelato que foi sempre uma pessoa muito especial e minha amiga e, em conversa, sabia que ele lidava com empresas, perguntei-lhe se ele não conhecia ninguém que me arranjasse trabalho (embora estivesse a receber subsídio de desemprego, não gosto de estar parada). E ele disse-me: “Olha, está lá uma moça que é capaz de ir para um estágio no Tribunal, pode ser que surja lá uma vaga”. Acabo por ir para o gabinete de contabilidade do sogro desse meu colega. Nessa altura ainda estava casada.

Começo a trabalhar e passados uns dois ou três anos consigo a inscrição na Câmara dos Técnicos de Oficiais de Contas. Entretanto, o senhor resolve fazer uma reestruturação do gabinete e decide dividir as contabilidades por ele, por mim e pelo genro. E foi assim ainda durante bastante tempo em que nós trabalhávamos de forma independente. Mais tarde esse meu colega cria a empresa. Só em 2005 é que formalizamos a questão da sociedade, que agora é minha e dele.

Fui a promotora do reencontro entre os irmãos. É giro, essa dinâmica de fortalecer laços

Nunca esqueci Gourim e por conta disso fui a promotora do reencontro entre os irmãos e do fortalecimento dos laços. Eu tinha 25 anos quando me separei e foi nessa altura que se deu o primeiro encontro. Tinha 38 anos quando concluí a reconstrução da casa, treze anos depois do primeiro encontro da família. Fizemos duas celebrações: a reconstrução da casa e o décimo terceiro encontro da família.

A casa é só minha, porque me calhou por sorteio. Mais ninguém certamente iria fazer nada. Pelo menos eles disseram que não, que não tinham aquela coragem de o fazer, mas eu tive sempre uma ligação especial ao lugar. Na altura disseram que a reconstrução era possível mas que não seria fácil porque era um sítio muito isolado, para se conseguir lá chegar com os materiais. Eu também não tinha dinheiro, mas tinha o sonho. E ficou em “stand by”.

Nesses encontros os irmãos tiveram possibilidade de se conhecer melhor, e os sobrinhos de se poderem conhecer. É interessante esta dinâmica de fortalecer laços, de nos conhecermos melhor, de irmos fazendo estes convívios em casa de uns e outros. É importante, já que não temos os pais, pelo menos fazemos-lhes esta homenagem, porque bem ou mal são os nossos pais.

Em 2009, no 12º encontro, eu decido reconstruir a casa. Nesses encontros já todos discutíamos se a casa ficaria para todos e se entrávamos juntos no projecto da reconstrução. Eu deixava-os falar ... mas nunca dizia nada. Mas nesse encontro de Verão e após a minha grande amiga P. ter ido me visitar nesse dia com o marido, e que foi a primeira vez que ela foi a Gourim e a última vez que a vi com vida, eu decidi reconstruir a casa sozinha, apenas com apoio do banco e dos amigos mais próximos.

É preciso acreditar. É preciso sonhar. E depois avançar pelo sonho

A mensagem que deixo às mulheres é que devem acreditar nelas próprias, na sua verdade. Dizer-lhes que é fundamental acreditarem que é possível, que conseguem chegar onde querem. E sonhar. É preciso sonhar. E depois avançar pelo sonho. Hoje, 5 anos após a reconstrução, a Casa Margou é uma realidade. Este foi o meu sonho, hoje é a minha história ali impregnada, a minha própria reconstrução reflectida nesta casa, partilhada com mais de 200 pessoas que hoje já lá passaram em vivências pessoais, dinâmicas de desenvolvimento pessoal, retiros espirituais, e um rol de ações que pretendo que vão de encontro à natureza do projeto Margou (de Maria + Gourim), e à assinatura que lhe serve de inspiração: Lugar de Reencontro. Porque acredito que todos precisamos do reencontro com a nossa criança interior, com a nossa essência mais genuína, com o que temos de mais puro no nosso DNA. E nada melhor que o resgate num lugar singelo e tão recatado como Gourim, para permitir, no silêncio da montanha rude, a expressão do ser humano se manifestar.

Aproveito para manifestar a minha gratidão a todas as pessoas difíceis que passaram na minha vida. Foi, graças a elas que construí as bases sólidas que hoje me sustentam.

MARIA
SANTOS



“

Nasci numa família pobre, éramos três irmãos e andei na escola. Vivi com os meus pais até aos catorze anos. Uns vizinhos dos meus pais disseram que havia em Lisboa quem precisasse de uma rapariga para tomar conta de uns meninos e lá fui eu.

“

Chamo-me Maria Santos, tenho 55 anos. Sou natural de Oliveira/Sul, moro em Aveloso/Sul. Sou casada, tenho dois filhos e trabalho na Indústria Hoteleira.

Nasci numa família pobre, éramos três irmãos e andei na escola até ao 6º ano. Vivi com os meus pais até aos catorze anos. Depois uns vizinhos disseram que havia em Lisboa quem precisasse de uma rapariga para tomar conta de uns meninos e lá fui.

Usávamos farda, na altura, duas fardas: uma era verde e havia uma com colarinho e punhos brancos. São imagens que não se esquecem!

Em Lisboa, morávamos num sexto andar. Havia outra rapariga, uma colega, que me aconchegava a roupa de noite, porque eu, assim que ia para a cama, virava-me a chorar, com saudades da minha mãe. Tinha catorze anos e a rapariga dizia-me: “Não chores, olha que as pessoas da aldeia vão dizer que tu não te dás em lado nenhum”. Era a mentalidade na altura. Aquilo foi uma época, como é que eu hei de explicar... eu lembro-me que ia à rua buscar o leite, a garrafinha do leite, o pão e o jornal, que o Sr. Doutor tinha que ler o jornal... era médico, no Hospital de São José. Tinha que o ler antes de ir embora para o trabalho. Usávamos farda, na altura, duas fardas: uma era verde e havia uma com colarinho... (São imagens que não se esquecem!) Era uma farda verde, um avental castanho, com colarinho e punhos brancos, tudo branco! Fazia as camas. Eu era a empregada do interior e havia uma da copa. Na altura, coitadinha, eu falava “achim”. Era da serra! Pois isto aqui, onde moro hoje, é a serra! Um dia, eu estava a fazer a cama dos meninos, que tinha uns grandes pés de madeira, com um folho à roda e aquilo rebentou. “Ai, minha senhora, que aquilo

escachou! Ai, minha senhora, que isto escachou!”. O menino mais velho era da minha idade e fazia pouco de mim. Não era vocabulário que se usava, era vocabulário da aldeia. “Mamã, mamã, a Maria está a dizer “escachou”, o que é “escachou”, mamã?”.

Estive aí dois anos. Era pertinho do Lumiar. Perto, havia um quartel de soldados, que tinha uma casinha com um soldado à porta. Quando eu ia à rua buscar o leite, o soldado metia-se comigo. Eu tinha um rabo-de-cavalo loiro, comprido e ele metia-se comigo. Chamava-me: “Oh, sopeira!”. E eu chegava a casa e queixava-me: “Oh, minha senhora, há ali um soldado a meter-se sempre comigo!” Ela dizia: “Olha, chama-o de feijão verde. Chama-o feijão verde que ele já não se mete mais contigo.”

Eu vi o 25 de abril, a revolução do 25 de abril! Vi aquilo tudo, aqueles canhões e espingardas com o cravo, vi aquilo tudo!

Nessa madrugada, eu estava lá em casa e ainda não tinha catorze anos. Ouvia-se na rádio para as pessoas não saírem à rua, para não entrarem em pânico e eu escondia-me atrás da outra colega. Ela dizia-me: “Não tenhas medo, que cá não chega nada.” E aqueles canhões, os soldados a marchar... Ainda vejo essas imagens, à minha frente. Nunca mais me esqueço, as espingardas com os cravos... Mas foi só naquele dia, depois voltou tudo ao normal, pelo menos para nós.

Os meus patrões tinham uma quinta no Crato (não sei onde fica isso, agora), onde iam com os meninos e tinham, também, uma herdade onde tinham uns póneis, para os meninos andarem. E eu também queria brincar... Um dia andei em cima de um pónei, veio a senhora e deu-me uma chapada. “Olha que isso é para os meninos brincarem!”. Havia um corrimão na casa e eu punha o rabo em cima daquele corrimão e ia

até lá baixo. Ela dizia-me: “Olha que um dia cais!” Ela tanto me avisou que, um dia, cheguei lá baixo e, pimba, uma chapada na cara.

Estive nessa casa dois anos até que a patroa me bateu. Eu queixei-me ao meu irmão, que a minha patroa me batia, que me dava chapadas na cara e ele tirou-me de lá. O meu irmão vivia na Amadora e vinha-me buscar, ao domingo. Assim que aprendi o caminho, ia ter com ele. Metia-me no Metro, ia por Sete-Rios, já não sei... e ia ter com ele. Esse meu irmão, entretanto, casou-se mas, por infelicidade, teve um acidente e morreu por lá. Foi quando eu me vim embora, para cima...

Vim tomar conta dos velhotes

O meu pai foi emigrado, lá fora, meia dúzia de anos. Esteve na França e ainda foi à Alemanha, por dois anos. Os meus pais casaram-se sem nadinha, não tinham nadinha. O meu pai esteve lá fora para arranjar alguma coisa, quando a minha mãe já tinha o meu irmão. Foi a partir daí que eles começaram a ter alguma coisita. Tinha dezoito anos quando o meu pai morreu.

Vim ali para o pé da D. Rosalina, no Ramalhal. Vim tomar conta dos velhotes, ficava lá a dormir com eles. Mas, na altura, o meu pai estava muito doente e queria-me em casa...e eu fiquei em casa com a minha mãe, naquele espaço de tempo em que ele esteve doente. Depois, fui para S. Pedro, para Mas, na altura, o meu pai estava muito doente e queria-me em casa... e eu estive em casa, com a minha mãe, naquele espaço de tempo em que ele esteve doente. Depois, fui para São Pedro, para casa de um casal, tomar conta de meninos, mas entretanto o casal separou-se. Na altura em que eles se separaram, vim-me embora, porque aquilo era barulhos a toda a hora!

Foi quando fui servir para uma outra casa. Não ficava lá a dormir, ia a casa. Essa patroa já me conhecia de outra casa. Eu, entretanto, fui lá para casa para tomar conta dos meninos: da Raquel e do menino... e aquele menino morreu!

Havia um estendal de roupa, ele todo suado ao pé de mim. Eu ia buscar uma toalha para lhe limpar o suor. Pronto, é aquela química. Houve aquela química e teve de ser

Foi lá que eu conheci o meu marido. Tinha dezanove anos. Pronto, aquilo foi assim, como dizer, foi... bateu-lhe o olho. Eu era uma menina, era uma jovem. Tinha dezanove anos. Ajudava a minha mãe em casa, fazia tudo à minha mãe. Já vinha habituada. Foi por ir muito nova para Lisboa que fiquei habituada a passar uma camisa, a encerar uma casa, a tratar de tudo numa casa. Passei, assim, a minha vida toda, a servir. Pronto, entretanto casei-me com vinte e um anos. Era uma menina de calcinha branca, esticadinha, cabelo comprido e ele carregava materiais de construção para as camionetas. Ele dizia-me: “Oh, tu não deves saber fazer nada. Assim tão branquinha, tão estimada, tu não deves saber fazer nada. Sabes lá plantar umas couves?”. O “gajo” já me estava a testar. “Sabes lá plantar umas couves, ou isso?”

Eu sentia-me segura, porque ele tinha 24 anos e eu tinha 21. Era mais velho, pronto, era um homem com quem eu me sentia segura. Como fiquei sem o meu pai, eu sentia-me segura com ele. Era um homem bem feito, não era um garoto, era maduro e é, ainda hoje, um homem trabalhador, não posso dizer o contrário, não é?

Mas aí foi uma decadência na minha vida, uma decadência entre aspas. Eu estava habituada de outra forma, porque a casa da minha mãe era pobre, mas já tínhamos eletricidade, casa de banho e água canalizada.

Casei-me e estive sete meses em casa da minha mãe. Ele continuava a trabalhar e eu tinha de lhe fazer a comida para ele levar todos os dias. Ia buscar um frango e fazia para todos. Eu tinha um irmão mais novo na altura, eu tinha uns vinte e um e o meu irmão tinha uns treze. Bem, com treze anos ele também não podia fazer muita coisa, não é? Quando a gente se casou, eu ainda quis o convencer a ficarmos por ali, em S. Pedro. Na altura arranjava-se lá uma casinha facilmente. Ficávamos ali em São Pedro, ele na casa dos materiais de construção e eu safava-me bem nas senhoras. Na altura já se ganhava bem à hora. Não quis! Quis vir para a aldeia, “porque o meu pai diz que as terras é que dão tudo”, dizia ele.

Eu tinha em casa da minha mãe uma mobília em madeira e pouco mais trouxemos, porque ele também não tinha dinheiro

Um dia soube que estava aqui em Aveloso uma casa à venda. Os donos estavam por Lisboa, tinham esta casinha aqui e o Sr. António Pinho era o procurador.

Comecei, então, a arranjar a casita. Mas não era como é agora! Tinha silvas até ao teto, e umas “paredezinhas a pino”. A casa custou cento e sessenta contos. Nós tínhamos ainda um dinheirinho do casamento, mas faltavam-nos vinte contos. O meu sogro deu dez e o Tojeiro emprestou o restante. E, assim, viemos para a barraquita. Mas, chovia lá, como na rua. Eu tinha em casa da minha mãe uma mobília em madeira e pouco mais trouxemos, porque ele também não tinha dinheiro. Eu tinha mais do que ele, que tinha duas boas malas de enxoval e ele não tinha nada... Nós já tínhamos “semeado”, porque eu já era herdada. Já tinha uma “leirinha”, à entrada de Aveloso. Calhou-me um bocadinho (de terra) ali em baixo ao pé das bombas de gasolina,

mas sempre que lá chegávamos nunca havia água no poço. Chegámos a ter lá pimentos, mas quando lá íamos já tinham “ganhado asas”, porque aquilo ficava longe. Nunca se trazia nada, roubavam tudo. Então, o vizinho comprou-nos aquele bocadinho por quinze contos. Foi com esse dinheiro que eu comprei o meu primeiro fogão a lenha e o fogão a gás de dois bicos. Fiz uma mesa e fiz a cozinha.

Entretanto nasceu o meu filho mais velho e eu não tinha água, nem luz, nem uma casa de banho, não tinha nada. E sempre a trabalhar nas terras... Eu que não estava habituada àqueles trabalhos. Ajudava a minha mãe mas a minha mãe dizia: “Fica aí, faz o almoço, eu prefiro chegar a casa e ter o almoço feito”. Mas assim, trabalhar nas terras, eu não estava habituada e tive que me habituar.

Cheguei a levar uma cordinha para agarrar ao pezito, do meu filho pequeno, para ele não fugir, enquanto eu arranjava o molho

Trabalhei muito nas terras... Cheguei a ir ao molho da lenha, ao molho da carqueja no monte para as cabras. Cheguei a levar uma cordinha para agarrar ao pezito, do meu filho pequeno, para ele não fugir, enquanto eu arranjava o molho. Depois vinha por aqui abaixo, com o molho na cabeça e com ele ao colo. Cheguei a ir com os meus dois filhos (eles têm diferença de sete anos). Mas aí era mais fácil, porque o mais velho segurava no mais novo. Cheguei a andar ao molhinho, no inverno, para acender o fogão.

Depois, eu apanhei o gosto e ainda hoje gosto de mexer na terra. Apesar de não ter sido habituada de criança e ter tido uma vida trabalhosa, eu apanhei o gosto. Gostei sempre de ver as coisas a nascer, a crescer, de regar e plantar mais e cada vez mais.

O miúdo começou a crescer e, depois de nascer o mais novo, ele começou a mudar. Ao fim de sete anos, mais ou menos, ele começou a perceber que afinal não era a terra que dava tudo. Dava, mas não dava o dinheiro e, entretanto, já eram dois filhos. Começámos a fazer obras na casa, mas era tudo muito devagarinho, porque o dinheiro era pouco: o telhado, as janelas, a casa de banho, não tão bem como ela está agora, mas dava para remediar.

Só que depois nasceu o filho mais novo e as coisas começaram a piorar. Havia falta de dinheiro. Eu tive sorte que sempre dei a mama aos filhos e na altura davam os subsídios dos filhos. E depois não era uma pessoa estragada. Sempre fui muito organizada, disso me gabo. Sempre fui muito organizada nas minhas coisas.

Foi ele que começou a ver que realmente eu tinha de ir trabalhar, quando o meu filho tinha quinze meses. Na altura, eu era das únicas, aí, que andava de mota. A primeira foi a Lúcia. Um dia, ela disse-me: “Olha que eu ensino-te, não te preocupes. Sabes andar de bicicleta, é fácil andar de mota”.

No final do ano, o meu marido aparece-me com uma mota, de duas mudanças. Eu sabia andar de bicicleta, mas não sabia andar de mota. Dei tamanho esticão que fui parar à terra de baixo. Depois lá treinei, uns dias, a ir buscar o pão a Oliveira. Chegámos a ir a festas de moto, ele levava um filho e eu o outro.

Foi, nessa altura que me inscrevi, para trabalhar no Balneário. Quando fui trabalhar para as Termas, comecei a levar o meu filho todos os dias à minha mãe. Quando não levava eu, levava ele, que aquilo era por turnos. Trabalhei ali umas oito épocas. Era só no Verão e, no inverno, ficava-se em casa.

Quando o meu filho tinha uns seis anitos comecei a notar que ele tinha umas amígdalas muito grandes. Naquele ano, teve de ser operado, na Casa de Saúde, em Viseu. Gastei as economias que tínhamos, gastámos tudo naquele ano.

Eu só quero um trabalho, a senhora ponha-me onde quiser

Nesse inverno, fiquei em casa, não fui trabalhar. Mas, depois, um amigo do meu marido disse-lhe: “A tua mulher que se vá inscrever no INATEL, que a administradora que lá está é muito minha amiga”. Eu tive sempre uma genica do “caraças”. Quando a administradora do INATEL me chamou, lá fui eu. Ia toda arranjadinha, o melhor que pude. A primeira coisa que ela me disse foi: “Olhe que você, apesar de ser uma mulher do campo, parece uma mulher madura e responsável. Estou a gostar do que estou a ver”. Eu virei-me para ela e disse-lhe: “Eu só quero um trabalho, a senhora ponha-me onde quiser”. Comecei a trabalhar no dia um de Abril e, como era o dia das mentiras, até pensei que era alguma piada de mau gosto. Mas não, comecei mesmo no dia um de abril de noventa e oito.

Ia trabalhar agarrada àquela motita. Eu aguentava-me, mas ela... Ia abaixo e eu tinha que vir com ela a pé para casa. Cada molha que eu apanhei, que nem lhe digo nada. E de noite por aí acima. Depois comprou-me uma acelera. “Olha que tu ainda te vais matar com isto”. “Qual matar?!”, dizia eu. Ao fim de 21 meses no INATEL, passaram-me para o quadro do pessoal. Acharam que eu merecia. Até hoje! Depois de passar a trabalhadora efetiva, o meu marido dizia-me que tinha de tirar a carta de condução que, assim, não tinha jeito nenhum.

Mas passei umas com ele...Ele teve um acidente de mota, eram os filhos pequenos, trabalhava eu no Balneário. Fez um traumatismo craniano

e tratei muito bem dele. Ainda hoje diz às irmãs que foi um milagre. Ele não podia ouvir os filhos a fazerem barulho, pois o problema dele era todo na cabeça. Esteve mais de um ano de baixa, já ele trabalhava na Junta de Freguesia.

Ele tinha concorrido à Junta de Freguesia, num concurso com apenas três pessoas. Mas o lugar já era dele, porque a vaga incluía o cargo de coveiro. E ninguém queria esse trabalho! Ele andava desesperado à procura de trabalho e um dia falou disso. “E de que é estás a espera?”, disse-lhe eu. “Mas tem o serviço de coveiro”. “E então, o que é que isso tem?”. Foi a sorte dele! Um dia, fui buscar pão e estava lá um senhor, que disse assim “Ah, não sei. Mas aqui a Maria, a mulher do coveiro deve saber!”. Encarei aquilo de uma tal maneira...Virei-me para ele e disse-lhe: “Sou mulher do coveiro, com muita honra, mas o coveiro tem nome. E, aqui, não há outro!” Cheguei a casa e queixei-me, mas ele disse para eu não ligar. No entanto, ele meteu aquilo na cabeça... Pensava que os filhos, quando crescessem, haviam de querer ir a um baile ou a uma festa e que ninguém queria dançar com eles, porque eram os filhos do coveiro. Queria sair da Junta!

Entretanto, foi chamado para a Avicasal, em Carvalhais. Só que o trabalho era a distribuir frangos, na Régua... Só vinha a casa ao fim de semana e eu não o deixei ir. Não o deixei ir! Então ele só vinha ao fim de semana e eu ficava, sozinha, com os filhos?

Depois, o Presidente da Junta disse para ele se deixar estar, que ia subir-lhe um pouco o ordenado e arranjar forma de lhe tirar o trabalho de coveiro. Ele teve que tirar um atestado médico, para não exercer aquele trabalho, porque ficava afectado. Daí para cá, há um homem que vai lá só fazer os funerais. Ele ficou no quadro de pessoal da Junta, na mesma, como canalizador. Ficou efectivo um ano depois de mim.

A partir daí começamos a ter uma vida mais sossegada. Sossegada, mas trabalhosa, não é?

Desde que começámos os dois a trabalhar, fora de casa, conseguimos conciliar as folgas. Ele folga sempre ao sábado e ao domingo, horários da função pública, não é? As minhas folgas sempre foram e continuam a ser à sexta e ao sábado. Conciliamos sempre o sábado. É aos sábados que nós fazemos aquele trabalho, que tem de ser feito. Por exemplo, no próximo sábado é preciso ir preparar a terrinha para semear as batatas. Há uma época para tudo. E é assim, nem ele faz nada sozinho, nem eu faço nada sozinho. A gente tem de se ajudar. O trabalho tem de ser feito! Eu até tenho resmungado com ele... Também temos os animais... E os animais ou são para se tratarem bem, ou não se tem! Ele sempre foi um homem preocupado com os animais. Aqui na aldeia, tem de se ter pasto para deitar aos animais, durante toda a semana. Nós começámos com um curral pequenino e tivemos sempre bons animais. Criamos porcos, galinhas, cabras, coelhos e tudo. Nós tínhamos uns barracos, onde armazenávamos os pastos de inverno, porque trabalhávamos nas terras da dona do terreno. Entretanto a dona disse que ou nós comprávamos a terra ou tínhamos que a deixar livre, porque precisava dela. Foi ali um encostar à parede... Houve ali duas ou três noites que o meu marido não dormiu, pois eu sei como ele é! Numa madrugada, disse-me: “ Oh, rapariga, a gente não vai gastar dinheiro em terras nenhuma. O que há para aí mais são terras do monte e ninguém para as trabalhar! Vamos agora gastar dinheiro com terras? Vamos criar condições para os nossos animais”. Tivemos, então, de pedir dinheiro, porque o que tínhamos não chegava e fizemos estes barracões que temos. Por cima é palheiro e por baixo tem tudo: o curral do porco, o curral das cabras e uma cozinha pequenina, onde seco as chouriças. Arruma-se a lenha e tenho tudo ali. É tudo muito organizado!

Mas, a maioria das tarefas quem faz, lá em casa? Então sou eu, pois então! Eu trabalho como o meu homem, fora de casa. Quando chego vou trabalhar nas terras e depois ainda trabalho em casa. Tive sempre colegas que diziam: “Ah, o que é que hei-de fazer para o jantar?”. Eu nunca fui assim, eu sempre deixei pronto o que ia fazer para o jantar. Nem que não tire logo (da arca), eu imagino logo o que é para o outro dia. Nunca reuento.

Ultimamente, combinámos que ele trabalha fora e eu dentro de casa. Combinámos isso. Mas, eu ainda ajudo, lá fora. No Inverno, como os dias são mais pequenos é assim que a gente combina. Ele trata dos animais e, quando eu chego, já está o fogão de lenha aceso, com um balde de lenha ao pé. Nisso, ele nunca se descuida.

Só não dispensa as cartas, à sexta-feira a noite, com os amigos. E eu acho que o homem tem de ter isso... Eu acho que tem a ver com a idade... Eu, agora, sou mais “miudinha” (exigente). Sinto mais a falta de companhia, por exemplo. E isto é um desabafo pessoal... Ainda mais, depois que o (filho) mais velho saiu de casa. Tinha nele um apoio. “Deixe lá mãe, não ligue a isso. Amanhã é outro dia e melhores dias virão”. Eram as frases que ele sempre aplicava.

O mais velho já saiu de casa, há cinco anos. Mora em Tondela. Andou na tropa seis anos. Agora está numa empresa de congelados, que é mesmo lá à porta. Mora com uma rapariga, com quem está há cinco anos. Este que tenho em casa também me tem apoiado muito, o meu Luís.